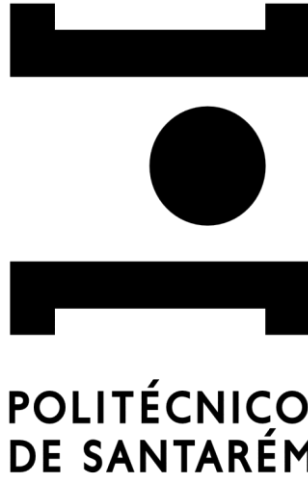


INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM
Escola Superior de Educação de Santarém



**As relações interpessoais e o desenvolvimento socioafetivo das crianças:
implicações na(s) prática(s) em educação de infância**

Relatório de Estágio

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Daniela da Silva Oliveira

Orientação:

Professora Marta Andreia de Sousa Jacinto Uva

Julho, 2024

Agradecimentos

Este trabalho representa o resultado de muitos anos de dedicação e empenho para concretizar um dos meus maiores sonhos, ser Educadora de Infância. Por isso, durante todo o meu percurso académico, contei com o apoio de várias pessoas que estiveram sempre ao meu lado, nunca me permitiram desistir porque acreditaram em mim e nas minhas capacidades.

Aos meus pais, agradeço pela ajuda constante, pela confiança que depositaram em mim, e por todos os esforços que fizeram ao longo da minha vida para garantirem o melhor futuro possível.

À minha irmã, agradeço pelo apoio incondicional, pela paciência e, principalmente cumplicidade que existe e permitiu que isto fosse possível.

Aos meus avós, que de uma forma ou de outra estiveram sempre presentes neste percurso e foram, sem dúvida, a minha maior força para continuar e nunca desistir do meu sonho.

Ao meu namorado, que nunca me deixou baixar os braços, agradeço pela paciência, pelo amor e carinho demonstrados e por estar sempre presente, seja nos momentos mais difíceis como nos momentos mais felizes da minha vida.

Às minha amigas, agradeço-lhes todos os momentos que viveram comigo ao longo deste percurso e que nunca vou esquecer. Agradeço-lhes a amizade, o apoio, a ajuda, as aventuras e todos os incentivos dados para que tudo isto fosse possível.

À professora Marta Uva, agradeço pela orientação, disponibilidade, recomendações e todo o conhecimento transmitido durante a elaboração deste trabalho, assim como de todo o meu percurso académico.

Às professoras e educadoras cooperantes com quem tive o prazer de me cruzar, pela ajuda que deram e todo o conhecimento que me transmitiram, agradeço por me terem tornado numa melhor profissional. Pela mesma razão e não menos importantes, agradeço a todas as crianças que se cruzaram comigo e, de alguma forma, me fizeram crescer e tornar numa pessoa melhor.

Aos participantes do estudo, agradeço a sua participação, uma vez que, sem os seus contributos, não seria possível realizar este relatório.

A todos vós, um especial obrigado!

Acrónimo/Siglas

CATL – Centro Atividades Tempos Livres

ERPI – Estrutura Residencial para Pessoas Idosas

IPSS – Instituições Particulares de Solidariedade Social

ME – Ministério da Educação

NEE – Necessidades Educativas Específicas

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

Resumo

O presente relatório surge no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, realizado na Escola Superior de Educação de Santarém e desenvolve-se a partir de uma descrição e análise crítica dos estágios em contextos de educação de infância. Encontra-se dividido em duas partes: a primeira apresenta a caracterização das instituições e dos respetivos grupos, o projeto de intervenção desenvolvido e, por fim, o percurso de desenvolvimento e aprendizagem profissional; a segunda parte descreve o percurso investigativo, através do qual se pretendeu compreender a importância da aprendizagem colaborativa para as crianças e para as profissionais de educação. O exercício investigativo realizado, tem características que o aproximam de um estudo de natureza qualitativa. Foram entrevistadas três Educadoras de Infância e 7 crianças do Jardim de Infância. De uma maneira geral, os resultados da auscultação das educadoras apontaram para a valorização da aprendizagem colaborativa como promotora do desenvolvimento socioafetivo das crianças. Em relação às respostas obtidas pelas crianças, verificou-se que estas dão importância à dimensão referida, parecendo proporcionar-lhes bem-estar e facilitar a aprendizagem da socialização.

Palavras-chave: Aprendizagem colaborativa; Desenvolvimento socioafetivo; Relação entre pares.

Abstract

This report appears within the scope of the Master's Degree in Pre-School Education, carried out at the Escola Superior de Educação de Santarém and is developed from a description and critical analysis of internships in early childhood education contexts. It is divided into two parts: the first presents the characterization of the institutions and their respective groups, the intervention project developed and, finally, the professional development and learning path; the second part describes the investigative path, through which the aim was to understand the importance of collaborative learning for children and education professionals. The investigative exercise carried out has characteristics that bring it closer to a qualitative study. Three Kindergarten Educators and 7 Kindergarten children were interviewed. In general, the results of the educators' consultation pointed to the appreciation of collaborative learning as a promoter of children's socio-affective development. In relation to the answers obtained by the children, it was found that they give importance to the mentioned dimension, seeming to provide them with well-being and facilitate the learning of socialization.

Keywords: Collaborative learning; Socio-affective development; Relationship between peers.

Índice

Introdução.....	8
Parte I – Práticas de Ensino Supervisionadas	10
1. Prática de Ensino Supervisionada - Berçário/Creche	10
• Caracterização do contexto.....	10
• Caracterização do grupo e da sala.....	11
• Projeto de Intervenção – “Estimulação Sensorial”	13
• Avaliação do projeto.....	16
2. Prática de Ensino Supervisionada - Jardim de Infância.....	17
• Caracterização do contexto.....	17
• Caracterização do grupo e da sala.....	18
• Projeto de Intervenção – “Emoções”	20
• Avaliação do projeto.....	24
3. Prática de Ensino Supervisionada - Jardim de Infância.....	25
• Caracterização do contexto.....	25
• Caracterização do grupo e da sala.....	26
• Projeto de Intervenção	28
• Avaliação do projeto.....	32
Percurso de desenvolvimento profissional	33
Parte II – Componente Investigativa	38
1. Contextualização do estudo e objetivos	38
2. Enquadramento teórico.....	39
✓ Conceito de aprendizagem colaborativa.....	39
✓ Aprendizagem colaborativa e cooperativa: principais diferenças.....	41
✓ O conceito de desenvolvimento socioafetivo em contexto educativo.....	43
3. Metodologia do estudo.....	44
3.1 Opções metodológicas	44
3.2 Participantes.....	44
3.3 Instrumentos de recolha de dados.....	45
3.4 Procedimentos de análise de dados	47
4. Apresentação e análise dos resultados.....	48
4.1 Interpretação dos resultados das crianças.....	48
4.2 Interpretação dos resultados das educadoras de infância	51
4.3 Síntese comparativa dos resultados	58
Conclusão.....	60
Referências Bibliográficas	62

Anexos	64
--------------	----

Índice de Figuras

Figura 1- Atividade "Tapete Sensorial"	14
Figura 2 - Atividade "Emocionometro"	21
Figura 3 – Atividade "Balões da calma"	22
Figura 4 - Atividade "Explora a massa"	23

Índice de Tabelas

Tabela 1- Categorias e subcategorias provenientes do discurso das crianças	48
Tabela 2 - Categorias e subcategorias emergentes do discurso das educadoras de infância	51

Introdução

O presente relatório foi elaborado no âmbito da Unidade Curricular de Investigação na Prática de Ensino Supervisionada, predominante ao longo do plano de estudos do Mestrado em Educação em Pré-Escolar. Neste relatório serão apresentadas e analisadas criticamente as aprendizagens alcançadas ao longo do meu percurso, mais especificamente nas Unidades Curriculares de Prática de Ensino Supervisionada e de Investigação à Prática de Ensino Supervisionada.

A unidade curricular de Investigação à Prática de Ensino Supervisionada tem como principal finalidade apoiar no desenvolvimento e conclusão do projeto de investigação ligado à prática de ensino supervisionada. Com este apoio, existem alguns objetivos que querem que sejam conseguidos, tais como: desenvolver competências de investigação no contexto da prática de ensino supervisionada; aprofundar conhecimentos sobre métodos e técnicas de investigação em educação; aplicar conhecimentos adquiridos na unidade curricular; elaborar considerações fundamentadas, pertinentes para o conhecimento profissional e a prática educativa; e elaborar e apresentar publicamente este Relatório de Estágio. Neste sentido, a realização deste relatório tem como principal finalidade a reflexão sobre as experiências vivenciadas ao longo dos estágios realizados e, também, realizar um exercício investigativo sobre uma problemática relevante para a minha aprendizagem e desenvolvimento profissional.

A estrutura deste documento está organizada em duas partes principais. A primeira parte destina-se às Práticas de Ensino Supervisionadas, onde está referida a caracterização do contexto, a caracterização do grupo/sala, o projeto de intervenção e o meu percurso de desenvolvimento profissional. A segunda parte destina-se à componente investigativa, onde desenvolvo a contextualização do estudo, o enquadramento teórico, a metodologia do estudo, os resultados e as considerações finais.

A componente de investigação deste relatório foca-se na seguinte temática: “As relações interpessoais no desenvolvimento socioafetivo das crianças: implicações na(s) prática(s) em educação de infância” e emergiu a partir das práticas, por considerar uma temática atual e importante no desenvolvimento das crianças. Segundo Cró, 2008 e 2009 citado por Cró e Pinho, 2011, abordar o desenvolvimento implica considerar uma transformação significativa, uma mudança na forma como as pessoas se comportam e pensam, atualmente, há um reconhecimento crescente da importância dos ambientes

educacionais e sociais como elementos fundamentais para o crescimento pessoal, tanto nas relações interpessoais quanto no contexto social mais amplo. Desta forma, nesta investigação, procurei perceber em que medida a promoção da aprendizagem colaborativa em contexto educativo é potenciadora do desenvolvimento socioafetivo das crianças.

Neste sentido, com este trabalho procuro refletir sobre o desenvolvimento das crianças na educação infantil, tendo em conta as relações interpessoais como fator preponderante no desenvolvimento socioafetivo das mesmas. Desta forma, procuro entender o ponto de vista de alguns profissionais de educação e, também, de algumas crianças, perante esta dimensão que se designa relação interpessoal, e quais as dificuldades sentidas na implementação de práticas pedagógicas que considerem esta temática.

Por fim, depois das considerações finais que expõem as principais conclusões do estudo investigativo, encontra-se uma conclusão do Relatório de Estágio e as referências bibliográficas, que antecedem os anexos, algo que complementa totalmente todo o trabalho desenvolvido.

Parte I – Práticas de Ensino Supervisionadas

1. Prática de Ensino Supervisionada - Berçário/Creche

- **Caracterização do contexto**

A Prática de Ensino Supervisionada em Creche ocorreu numa Instituição Particular de Solidariedade Social, no concelho de Azambuja, durante o mês de dezembro de 2022 e o mês de janeiro de 2023 destinados ao período de estágio. A instituição tinha como objetivo dar resposta adequada às carências mais sentidas na comunidade, especialmente em prol das crianças, jovens e idosos e promover ações coerentes segundo uma conceção cristã do homem, da família e da sociedade.

A instituição onde estagiei era constituída por várias valências: Creche; Pré-Escolar; CATL e Fórum Jovem; Serviço de Apoio Domiciliário; Centro de Dia; Centro Convívio e Estrutura Residencial para Pessoas Idosas (ERPI). Relativamente à Creche, esta tinha cinco salas disponíveis para crianças dos 4 aos 36 meses, ou seja, incluía uma sala de Berçário. Em relação ao espaço exterior, existia um parque infantil coberto e um pátio com jardim, contudo, na altura, considerei bastante reduzido e, para além disso, as crianças não desfrutam do mesmo. Esta resposta social tinha como principais objetivos: proporcionar, através de um atendimento individualizado, o bem-estar e desenvolvimento integral das crianças num clima de segurança afetiva e física; colaborar com a família na partilha de cuidados e responsabilidades no desenvolvimento das crianças; colaborar no despiste precoce de qualquer inadaptação ou deficiência, assegurando o encaminhamento adequado.

Segundo o projeto educativo da instituição, este tinha como tema “Á Descoberta de costumes e tradições...” e era um documento orientador da prática educativa, mas também dinâmico, permitindo um ajuste constante, mediante os interesses e necessidades manifestadas pelo grupo de crianças. O tema remetia para o conhecimento de vários costumes, raízes, valores e tradições, ou seja, através destes conhecimentos e interação com os outros, as crianças cresciam mais resilientes, empáticas e justas. Desta forma, o/a educador/a iria criar uma ligação com as crianças e com o mundo envolvente, através desse ambiente rico e estimulador.

- **Caracterização do grupo e da sala**

O estágio foi realizado numa sala de Berçário, com um grupo constituído por 8 crianças, 4 do sexo masculino e 4 do sexo feminino, que tinham ingressado pela primeira vez na Creche, com idades compreendidas entre os 9 e os 12 meses.

A nível de etapas de desenvolvimento, como cada criança se desenvolve conforme o seu ritmo e o seu tempo (Godinho, A. 2016), verifiquei que cada uma das crianças estavam num nível distinto em termos de desenvolvimento físico, cognitivo, e social, etc. Segundo as observações realizadas no dia-a-dia, constatei que era um grupo calmo, ativo e bem-disposto, apesar das diferenças de meses, interagiam uns com os outros. Neste grupo existia uma criança que já se colocava de pé e que, com ajuda de um adulto já fazia os movimentos de marcha. Era um grupo bastante dependente do adulto, o que proporcionava uma maior ligação entre adulto-criança, o que é fundamental nestas idades. O berçário é um ambiente crucial para o desenvolvimento infantil, com a finalidade de proporcionar estímulos, interações sociais e cuidados necessários nessa fase crucial da vida.

Na generalidade, era um grupo observador e que gostava de interagir com os brinquedos disponíveis na sala, mesmo os que ainda não gatinhavam, passavam muito tempo na área de reunião a explorar os brinquedos existentes. Essas crianças já se conseguiam movimentar de barriga para baixo, podendo assim explorar a área da sala destinada às atividades livres. Distinguiam facilmente sons familiares de outros sons, virando-se ostensivamente para as fontes sonoras. Manipulavam objetos que lhes eram dados, essencialmente, metendo-os na boca.

Deste modo, para um desenvolvimento global, harmonioso e saudável das crianças tentava-se desenvolver as capacidades emergentes de cada criança a partir das situações observadas no dia-a-dia, para que houvesse uma resposta adequada às suas necessidades, como por exemplo através da observação e registo do dia-a-dia, através do desenvolvimento de habilidades emocionais e sociais e também do desenvolvimento de atividades estimulantes.

Na creche, o principal fator condicionante do desenvolvimento da criança reside na organização do ambiente educativo, sendo este “(...) encarado por muitos especialistas como um dos fatores de maior relevo e projeção na resposta que é dada às crianças” (Marchão, 1997, p.54). Tomando conhecimento de que o desenvolvimento e as aprendizagens de bebés e de crianças muito pequenas prescrevem “(...) a necessidade de um ambiente calmo, sereno, higiénico, arejado e caracterizado por relações afetivo-pedagógicas de elevada qualidade entre os pares” (Marchão, 1997,

p.18), importa assegurar cuidadosamente um ambiente que satisfaça as necessidades e os interesses das crianças.

A Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar evidenciam que o meio em que se insere a criança deve facilitar o seu desenvolvimento e aprendizagens, sendo assim imprescindível organizar o ambiente educativo, de forma que este seja propício ao desenvolvimento global da criança. É através da gestão das condições de interação entre os diferentes intervenientes, nomeadamente entre crianças, entre crianças e adultos e entre adultos, e da organização dos recursos humanos e materiais que as funções educativas da instituição podem ser caracterizadas por um quotidiano de qualidade (ME, 2016).

Tendo em conta que o conceito de espaço depende da interação do seu corpo com o mesmo, devem-se criar condições favoráveis de segurança, mas que respondam às suas necessidades, tais como: a privacidade, estimulação sensorial, sentido de presença, entre outros. Assim sendo, o espaço deve ser organizado, de forma que seja seguro, limpo, com um aspeto saudável e motivador, para que desta forma se proporcione um ambiente acolhedor e de bem-estar. As crianças necessitam de espaços para pôr em prática as suas atividades, quer estas sejam de brincadeira, ou não, necessitam de espaço para se moverem livremente, para estarem à vontade e se sentirem capazes nas suas conquistas. No caso do contexto, este tinha um espaço bastante amplo para a realização de atividades e, essencialmente, para as crianças se movimentarem e explorarem o meio envolvente.

A sala do berçário, situava-se no primeiro andar do edifício da creche e, estava dividida em três partes: dormitório, sala parque e zona de higiene/alimentação. A sala parque tinha quatro janelas grandes, sendo assim uma sala com bastante luz natural e arejada, onde os bebés tinham a oportunidade de circular livremente pela mesma e, onde tinham à sua disposição diversos brinquedos e materiais apropriados à idade. Esta tinha ainda uma cancela que a dividia da zona de higiene/alimentação. A zona de refeições tem duas janelas grandes e situava-se logo à entrada do berçário e, por isso, tinha uma porta de vidro que dá para o corredor comum a outras salas. Na zona de higiene para além da bancada com as muda fraldas, tinham também espaço de arrumação onde eram colocados os pertences de cada criança. No prolongamento da bancada, existia ainda uma banheira. No dormitório existiam duas janelas grandes, 8 berços e um sofá de aleitamento. Os cabides das crianças estavam fora da sala, no corredor próximo da porta de entrada. Nesta sala existia ainda uma despensa, onde estavam guardados todos os materiais.

- **Projeto de Intervenção – “Estimulação Sensorial”**

Após a primeira semana de observação, em conjunto com o meu par de estágio, verificámos que, tal como a educadora tinha referido, era essencial trabalhar com as crianças a estimulação sensorial, ou seja, apresentar às crianças novos materiais e oferecer experiências diversas e diferentes das que elas já estão acostumadas. Consequentemente, resultará em aprendizagens significativas se o educador considerar e respeitar o tempo que cada criança necessita para explorar essas oportunidades (Roldão, V. 2019, p.28). Considerámos que, este eixo estratégico seria bastante importante para as crianças nesta faixa etária, uma vez que, devem explorar o mundo que as rodeia sem receios e desenvolver os seus sentidos nesse âmbito. A exploração sensorial contribui para um processo de aprendizagem mais apelativo, favorecedor e incentivador para a criança (Roldão, V. 2019, p. 5).

A atividade livre, presente na rotina das crianças, focava-se essencialmente na exploração do espaço e dos materiais presentes na sala. Para além disso, também existia um relacionamento social entre os mesmos e entre os adultos presentes, como forma de fortalecimento da relação e exploração dos sentidos. Por exemplo, na proximidade física existente entre ambos, a comunicação verbal e não verbal e a consistência e continuidade, no que diz respeito à presença constante e apoio emocional e físico para com as crianças. Estas interações faziam com que as crianças estabelecessem ligações com os pares e ao mesmo tempo fortalecessem a área de expressão e comunicação e a área de desenvolvimento pessoal e social.

Este projeto foi desenvolvido de acordo com as necessidades identificadas, no que diz respeito ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças do grupo, mais especificamente: estímulos visuais, táteis e sonoros; atividades que estimulem o movimento e a coordenação; ambiente que proporcione uma interação positiva entre crianças, ou seja, com a partilha de brinquedos, cooperação e resolução de conflitos. Por isso, foi adaptado ao contexto em questão e foram definidos termos metodológicos e pedagógicos de acordo com a intencionalidade. O mesmo foi realizado para ser alterado continuamente, permitindo ajustes e/ou alterações, mediante os interesses e necessidades manifestadas pelo grupo de crianças. O projeto é transversal, tendo por base o Projeto Educativo da Instituição, o Projeto Pedagógico em Berçário e os Manuais da qualidade para a creche.

Os objetivos que deveriam ser alcançados enquanto aprendizagens eram: desenvolver a motricidade global e fina; explorar objetos e o espaço envolvente;

desenvolver as suas capacidades expressivas; interagir com os outros e com o mundo;
desenvolver a coordenação motora.

A atividade “Tapete Sensorial” (anexo 1) foi central neste projeto de intervenção, visto ter incluída vários fatores que procurávamos que as crianças explorassem. Este recurso foi realizado em sala, com as crianças presentes no processo do mesmo. Esta atividade tinha como objetivos específicos: experimentar novas texturas; desenvolver a sensibilidade tátil e visual; participar autonomamente no movimento exploratório e fortalecer a capacidade de concentração. Depois do tapete estar realizado, colocámos o mesmo ao nível das crianças e, de forma individual, posicionámos as crianças em frente do mesmo, com o objetivo que estas explorassem livremente, no seu tempo, para conseguirmos observar, atentamente, as reações de cada uma delas. Enquanto houve a exploração, cada criança teve a oportunidade de conhecer e identificar diferentes texturas, existindo sempre um incentivo à estimulação sensorial de todos os tipos de materiais. No fim de todas as crianças realizarem esta exploração inicial, os tapetes foram colocados na parede, ao nível das crianças, para que tivessem a oportunidade de se deslocarem e o explorarem sempre que pretendessem.



Figura 1- Atividade "Tapete Sensorial"

Esta atividade foi avaliada positivamente, uma vez que, todas as crianças demonstraram um grande interesse na exploração do tapete e, para além disso, um bem-estar associado.

- **Avaliação do projeto**

Como já foi referido, na realização deste projeto de intervenção, tivemos como objetivo desenvolver a estimulação sensorial em crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 12 meses pois, porque é através dos sentidos que as crianças conhecem o mundo tal e qual como é, adquirem instrumentos que mais tarde ajudarão nas competências como, a preparação para o desenvolvimento da coordenação motora, da atenção, do equilíbrio, da memória, da criatividade e na interação social.

Nesta faixa etária, é essencial que as crianças estejam num ambiente estimulante, lúdico e com oportunidades de desenvolvimento das suas habilidades, pois as conexões que não forem praticadas acabam por ser eliminadas. Seguindo este pensamento, consideramos importante que o tapete sensorial esteja na sala, como forma das crianças o poderem explorar sempre que o desejassem, criando um ambiente estimulante.

O projeto de intervenção, tal como referi anteriormente foi bem-sucedido, uma vez que o grupo aderiu às atividades com grande entusiasmo e envolvimento, por exemplo, durante a realização da atividade do tapete sensorial o grupo mostrou bastante prazer durante a mesma. Em todas as atividades exploraram livremente, demos tempo e espaço para que tal acontecesse, visto ser um aspeto fundamental para as crianças. Considero que o tapete sensorial foi atividade que correu melhor e, por essa razão, acabou por dar mais impacto ao projeto, porque exploraram as texturas, experimentaram diferentes formas de manipulá-lo e interagiram umas com as outras de forma colaborativa. Depois de realizar as atividades, sinto que teria sido interessante focar noutros sentidos, ou seja, promover uma estimulação sensorial a nível do olfato, porque acho que as crianças iam ficar bastante curiosas e atentas com a mesma. No geral, as melhorias ou alterações que realizasse seriam para garantir que todas as crianças tinham uma experiência positiva e enriquecedora durante as atividades de estimulação sensorial. Relativamente ao feedback da educadora cooperante, em relação ao projeto, este foi bastante positivo, focando a atenção e o cuidado existentes na organização e planificação das atividades, tendo em conta as necessidades e os interesses das crianças.

Por fim, reflito que, através do período de estágio e também da realização deste projeto, a estimulação sensorial é a base para o desenvolvimento global das crianças nestas idades. Para além disso, a presença de adultos e o seu relacionamento com as crianças facilita em todo o processo e é importante para a evolução das mesmas.

2. Prática de Ensino Supervisionada - Jardim de Infância

- **Caracterização do contexto**

A Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância ocorreu numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), sem fins lucrativos, do concelho de Azambuja, durante os meses de abril, maio e junho de 2023.

A Instituição foi criada com o intuito de dar resposta à população mais pobre e desfavorecida da localidade. Segundo o Projeto Educativo do Jardim Infantil, o principal objetivo era a inserção das crianças na sociedade como um ser autónomo, livre e solidário. As suas linhas visavam o desenvolvimento da criança, tendo em conta, o seu bem-estar, as suas capacidades e necessidades, favorecendo o desenvolvimento pessoal, social e religioso.

O edifício do Jardim Infantil possuía dois pisos e dispunha de diversas salas desde para o berçário, para a creche, para o jardim de infância e ainda para o CATL. Tinha ainda um espaço exterior com relvado, um parque infantil dividido em três zonas, um parque de areia, um parque com baloiços e um parque amplo, zonas com relva e árvores, espaço para cultivos, um galinheiro e um pombal, que proporcionavam às crianças atividades de contacto com a natureza. Para além destas áreas, a instituição tinha ainda diversas áreas de serviço, como: lavandaria, casas de banho, salas do pessoal, sala de reuniões, secretaria, cozinha, copa e refeitório.

O Projeto Educativo do Jardim Infantil estabelecia o quadro de referência para a atuação de todos os que estão implicados na vida do mesmo: as crianças, os pais/a família, a equipa educativa, os agentes da comunidade e todos os que lhe davam significado. O tema do presente PE, “Uma viagem pelo mundo das Emoções” debruçava-se sobre a valorização das relações de afetividade da criança no Jardim de Infância. Era de extrema importância o desenvolvimento emocional e afetivo da criança, e o Jardim de Infância proporcionava formas de se relacionar com os outros, como por exemplo na realização de atividades com outras salas, passeios com outras escolas, eventos com familiares, etc. Nas relações de grupo a criança tinha oportunidade de controlar as emoções e fazer a descoberta do “eu” e dos outros, através das vivências do dia-a-dia. O Projeto tinha como objetivos: potenciar à criança a descoberta e compreensão das diferentes emoções, afetos e valores; promover a descoberta de si mesma, dos outros e do mundo; aprender a expressar emoções; promover um ambiente educativo onde a criança se sinta integrada e valorizada, contribuindo para a sua

autoestima; educar para a responsabilidade e respeito perante o outro; potenciar o domínio da inteligência emocional no processo de aprendizagem.

- **Caracterização do grupo e da sala**

O grupo de crianças da sala dos 3 anos, era constituído por 21 crianças, das quais 12 eram do sexo feminino e 9 do sexo masculino. Ao nível da faixa etária, eram crianças que completavam os 4 anos até ao final do ano, com exceção de uma criança que tinha completado os 5 anos nesse ano, e que estava integrada na sala por ter necessidades de carácter mais específico. O grupo encontrava-se maioritariamente dentro dos parâmetros de desenvolvimento desta faixa etária, exceto a criança com NE-“Doença Congénita de Glicolização”, com vários episódios de convulsões refratárias. Segundo a educadora, a adaptação do grupo a novos adultos, às novas rotinas do pré-escolar e à nova sala tinha decorrido com bastante normalidade. No geral, todas as crianças estavam bem integradas na sala e nas rotinas.

No geral, era um grupo de crianças muito espontâneas, que tinham diferentes formas de demonstrarem os seus sentimentos, reagiam de imediato a algo que lhes agradasse muito, mas também reagiam de imediato quando algo não lhes agradava ou não correspondesse à sua vontade. Entravam em conflito facilmente, requerendo a ajuda de um adulto para resolver as situações de zangas e disputas.

A nível motor eram desinibidas e ágeis, com exceção de uma criança (NEE) que não se movimenta sozinha, sendo necessário o adulto fazer o seu próprio transporte no carrinho ou na cadeirinha. Esta, tinha acompanhamento de Psicomotricidade uma vez por semana no Jardim Infantil, com uma Terapeuta e também sessões de Fisioterapia no exterior. A nível do desenvolvimento cognitivo o grupo estava enquadrado, nos parâmetros de desenvolvimento e aprendizagem normais para a idade. Ao nível do desenvolvimento da linguagem, algumas crianças ainda demonstravam alguma dificuldade na articulação e pronúncia das palavras, sendo necessário, em alguns casos, trabalho especializado coordenado entre a família e a instituição, para que pudessem superar essas dificuldades.

Na sua globalidade, o grupo gostava de participar nas atividades propostas, gostavam de ajudar e estar perto dos adultos, uma vez que eram crianças muito afetuosas. O trabalho com o grupo, ao longo do ano, visava um desenvolvimento global

e harmonioso de cada criança, tendo em atenção, o seu bem-estar, o respeito mútuo, a socialização e a aquisição de valores e principalmente proporcionarem momentos de brincadeira e muita alegria.

A sala estava dividida pelas seguintes áreas: Garagem; Área dos sentidos; Casinha; Mantinha; Área dos Trabalhos; Jogos; Modelagem; Área da Pintura; etc. Durante os vários dias, evidenciámos que o grupo explorava estas áreas pelo menos uma vez por dia e, para além disso, passavam muito tempo na varanda e, se possível, até mesmo no espaço exterior.

O Projeto Curricular da sala intitulava-se “1,2,3 aqui vou eu à descoberta...”, tendo como principal foco o (re)conhecimento das emoções, em si e nos pares, pois ajudava as crianças a autorregular-se emocionalmente e a terem mais ferramentas para a resolução de conflitos. Assim, a promoção do desenvolvimento emocional e social em idade pré-escolar contribui para o desenvolvimento integral e saudável da criança. Era fundamental que as crianças se sentissem bem com elas próprias, para lidarem bem com os seus sentimentos, para se relacionarem com os outros com respeito e compreensão, para estabelecerem laços de amizade e interesses de aprendizagem. “Assim, as crianças que se sentem seguras tendem a aventurar-se, e sentem-se aptas para arriscar e para conhecer outros indivíduos iguais a si.” (Santos, F., 2015, p.5).

O Projeto dava possibilidade à criança de vivenciar, experimentar e interagir com o que a rodeava, dando-lhe oportunidade de aprofundar os conhecimentos sobre: corpo humano, estações do ano, cores, figuras geométricas, frutos e legumes, sem esquecer “A Família”. Este documento tinha em conta o nível de desenvolvimento do grupo em geral e de cada criança em particular, bem como o envolvimento das famílias e o interesse das crianças. Existiam atividades que se focavam no tempo de concentração, na necessidade de movimento, de experimentação e na realização de atividades mais complexas e lúdicas, ou seja, com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento saudável e adequado da criança respeitando o seu ritmo individual.

- **Projeto de Intervenção – “Emoções”**

O projeto de intervenção foi desenvolvido de acordo com as necessidades identificadas no grupo, através da observação realizada no período destinado à mesma. Por isso, foi adaptado ao contexto em questão e foram definidos termos metodológicos e pedagógicos de acordo com essa intencionalidade. Este projeto foi planeado de forma que pudesse ser revisto, ajustado, em função da avaliação das necessidades das crianças. Para além das características acima referidas, este possuía também um carácter autorregulador, dado que contemplava em si, os objetivos/metas a atingir, definindo igualmente o planeamento, as estratégias e os instrumentos de avaliação da prática educativa. Na educação pré-escolar, é fundamental que sejam adotadas práticas inclusivas, que garantam o acesso igualitário e a participação plena de todas as crianças, independentemente das suas características individuais. O princípio em que se baseia a escola inclusiva é o de que todos os alunos devem aprender juntos, “sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem.” (Declaração de Salamanca, 1994, p.11).

As necessidades do grupo, tal como referi acima, focaram-se essencialmente, em resolução de conflitos, gestão/autorregulação emocional e atividades a pares, como forma de desenvolverem a sua relação com os outros elementos do grupo e serem capazes de ajudar e partilhar. Em conjunto com o meu par de estágio, pretendíamos assim que, todas as crianças explorassem as diferentes emoções, promovendo assim o seu desenvolvimento em diferentes aspetos. As atividades que decidimos desenvolver não tinham um fio condutor específico, mas iam ao encontro umas das outras, uma vez que, o tema era o mesmo em todas, o desenvolvimento das emoções, e os objetivos eram idênticos.

Tendo em conta os aspetos referidos acima, tínhamos como objetivos gerais, os seguintes: desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões; adquirir a capacidade de fazer escolhas e tomar decisões; compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação; compreender e identificar as diferentes emoções; gerir as suas emoções.

Relativamente à forma como explorámos esta temática, verificámos que o grupo não tinha, habitualmente, o momento da leitura de uma história, apesar de mostrarem grande interesse por este tipo de atividade. Também entendemos que, para além dos momentos de brincadeira livre, todas as crianças gostavam bastante do Domínio da Educação Artística, mas também não o exploravam muitas vezes. Desta forma,

decidimos iniciar o projeto com a leitura de uma história “O Monstro das Cores” que, em conjunto com a Educadora decidimos que era a mais indicada para o grupo em questão, por ser possível abordar vários temas (cores, monstros, emoções, etc.). Em todos estes momentos de brincadeira, para além dos que foram planeados, procurámos explorar o tema do nosso projeto, tendo em conta o que as crianças estavam a fazer/sentir nesse momento, para que elas próprias conseguissem entender como se estavam a sentir e como gerir essa emoção. É entre os três e os cinco anos de idade, que as crianças desenvolvem o sistema de descodificação das emoções em interações sociais, mas, mais rapidamente avaliam expressões de felicidade e tristeza do que de surpresa e/ou raiva, por serem as emoções mais verbalizadas (Field & Walden, 1982).

Nesta intervenção, focada, essencialmente, na dinamização das atividades e de algumas partes da rotina das crianças, considero que foi bastante positiva, não só em termos de atividades, mas também na relação com as crianças e com os restantes profissionais. Considero que, todas as atividades foram bem-sucedidas, existindo algumas que as crianças mostraram maior interesse em participar. Destaco, desta forma, o “Emocionometro”, que foi incluído na rotina das crianças e na própria sala, como um dos elementos do “Cantinho das Emoções”. Para além disso, destaco ainda, os “Balões sensoriais” e “Explora a massa”, uma vez que, foram as atividades que todos tiveram a oportunidade de participar e mostraram total interesse e satisfação na exploração das mesmas.



Figura 2 - Atividade "Emocionometro"

A atividade “Emocionometro” foi iniciada no momento da mantinha onde foi apresentado o recurso e, posteriormente, perguntou-se a uma criança de cada vez como se sentia naquele dia, pedindo, de seguida, que colocasse a mola no respetivo local, assim sucessivamente até todas as crianças terem colocado a sua mola e refletido sobre isso. A criança com NEE, como não se expressava, questionávamos o restante grupo sobre como achavam que ela se sentia e, todos em conjunto, com a ajuda dos adultos,

colocávamos a mola no local que achávamos mais indicado. No final, foi explicado que esta atividade ia ser realizada diariamente, no momento da maninha, com o objetivo de existir o “Cantinho das Emoções”, onde cada criança era livre de explorar este recurso, mudando a sua emoção caso considere necessário. Implementámos esta atividade com o objetivo de entender se as crianças identificavam as suas emoções e, se eram capazes de explicar o porquê de se sentirem assim.

Através da realização desta atividade, diariamente, entendemos que as crianças foram capazes de identificar as suas emoções e, muitas das vezes geri-las, mesmo que fosse com o apoio do adulto. Considerei que foi fundamental a inserção deste recurso no dia-a-dia das crianças, pois existiam crianças que ao reconhecerem como se sentiam e qual a emoção, tentavam geri-la para mudar o comportamento, por exemplo, em situações de raiva.



Figura 3 – Atividade "Balões da calma"

Na atividade “Balões da calma” (anexo 2), as crianças, de forma individual, criaram o seu balão com o recurso a bolas de gel, que exploraram livremente e, de seguida, colocaram dentro do balão. Quando o balão já estava cheio de bolas de gel, colocava-se água e as crianças decoravam livremente com marcadores. A criança com NEE, explorou as bolas de gel com o apoio dos adultos e, no final, teve a possibilidade de explorar o balão já com as bolas de gel. Esta atividade foi bastante bem-sucedida, o grupo gostou essencialmente da exploração das bolas de gel devido à sua textura e no final só queriam explorar o seu balão respetivo. O nosso objetivo era que este balão fosse um recurso em momentos de grande agitação, como forma de acalmar as crianças e conseguimos comprová-lo em algumas situações, especialmente, com as crianças que considerámos que tinham maior dificuldade em gerir as emoções. Se vier a realizar esta atividade no futuro apenas gostava de ter tido a oportunidade de encontrar balões transparentes para as crianças verem as bolas de gel.



Figura 4 - Atividade "Explora a massa"

Por fim, a atividade "Explora a massa" (anexo 3), consistiu na elaboração de massa de modelar caseira, onde todas as crianças colaboraram no processo de realização da mesma, sempre com o auxílio dos adultos, como forma de apoiar e guiar o procedimento. As crianças estavam distribuídas por dois grandes grupos, de modo a facilitar a exploração das diferentes texturas dos materiais. Quando a massa já estava realizada, todas as crianças tiveram a oportunidade de explorar a mesma, de forma livre. Esta atividade foi das que deu mais prazer às crianças de realizar, pelo facto de explorarem materiais e texturas diferentes e por todo o processo até chegar ao resultado das massas com as diferentes cores, associadas às emoções. Através da massa as crianças conseguiram desenvolver as suas capacidades expressivas e criativas e desenvolver a motricidade fina.

- **Avaliação do projeto**

Ao avaliar o projeto de intervenção que realizei para explorar as emoções em contexto de jardim de infância, considero essencial ponderar sobre diversos aspetos que moldaram a sua conceção, implementação e resultados. Desenvolver um projeto desta natureza, com o intuito de oferecer um ambiente propício para a compreensão e expressão saudável das emoções, é fundamental no processo de crescimento e aprendizagem infantil.

Os objetivos delineados para o projeto foram cuidadosamente elaborados, procurando criar metas claras e alcançáveis que orientassem as atividades desenvolvidas ao longo do tempo. A importância das emoções no desenvolvimento infantil foi colocada em destaque, reconhecendo o seu papel crucial na construção de habilidades sociais e emocionais das crianças, nesta idade. No entanto, a reflexão continua sobre a forma como esses objetivos eram abordados, revelou certas áreas de aprimoramento, particularmente na adaptação das atividades às necessidades educativas específicas e ao nível de compreensão das crianças.

O envolvimento das crianças no projeto foi um ponto fundamental, com demonstrações claras de interesse e entusiasmo pelas atividades propostas. Através de jogos, histórias e atividades artísticas, o grupo foi incentivado a explorar e a expressar as suas emoções, desenvolvendo assim uma compreensão mais aprofundada de si próprios e de todos os que os rodeavam. Esta avaliação do projeto, fez-me rever o progresso significativo na capacidade das crianças ao reconhecerem e lidarem com as suas próprias emoções e, para além disso, a criação de um ambiente emocionalmente seguro e positivo, mostrou benefícios não apenas para o desenvolvimento individual das crianças, mas também para a dinâmica geral da sala.

No geral, posso referir que acho que esta dimensão devia ser mais vezes abordada em contexto pedagógico, tendo em conta a sua importância no desenvolvimento e aprendizagem das crianças, porque é evidente que as crianças necessitam de ajuda para lidar com as suas emoções e, se existir essa ajuda, o desenvolvimento é, certamente, bastante positivo. Relativamente ao meu desenvolvimento, considero que estive e estou em constante desenvolvimento, e que todas as aprendizagens contribuem para o meu futuro enquanto profissional de educação

3. Prática de Ensino Supervisionada - Jardim de Infância

- **Caracterização do contexto**

A Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância ocorreu numa instituição da rede pública, do concelho de Santarém, durante os meses de outubro, novembro e dezembro de 2023, e também no mês de janeiro de 2024.

Esta instituição estava instalada num edifício construído de raiz, no ano de 2004 (embora já funcionasse desde 1987 em instalações provisórias) e tinha a capacidade para vinte e cinco crianças (uma turma). Ao lado do jardim de infância encontrava-se o edifício da escola do 1.º ciclo.

Relativamente à caracterização da instituição, esta pretendia servir a comunidade educativa, e por isso privilegiava as potencialidades locais e identificavam-se eventuais constrangimentos. Desta forma, existiam como situações positivas as condições físicas e a localização do Jardim de Infância, ou seja, este tinha boas condições para o grupo de crianças, incluindo um grande espaço exterior e, para além disso, existia uma atitude colaborativa demonstrada pelas famílias e por vários elementos comunidade, nomeadamente, entre a educadora de infância e as professoras do 1.º ciclo, o que favorecia o relacionamento entre as crianças. Como eventuais constrangimentos, existia a necessidade de promoção cultural e formação parental de parte da população adulta desta comunidade. Relativamente a esta questão procurava-se intervir a partir do trabalho curricular com as crianças, no sentido de contribuir para melhorar as competências sociais, parentais e de literacia da comunidade educativa.

Relativamente ao Plano Orientador do Trabalho em Grupo, esta instituição refere no jardim de infância as crianças realizam importantes aprendizagens que promovem o seu desenvolvimento global e servem de base a todas as aquisições futuras. Desta forma, tinha como base as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e o grupo de crianças em concreto. Assim, pretendiam que o ambiente fosse seguro, afetuoso, inclusivo e estimulante, onde as crianças podiam vivenciar projetos e atividades, diversificadas e significativas, que promoviam o seu desenvolvimento e aprendizagem. Dentro do mesmo pensamento, privilegiavam sempre o brincar e atividade lúdica, assegurando sempre o bem-estar e felicidade do grupo.

Sendo a educação pré-escolar a primeira etapa da educação básica, estabeleciam com a escola do 1.º ciclo da localidade onde se inseria também o jardim de infância, essa articulação facilitaria, posteriormente, a transição das crianças para

esse ciclo escolar, assim como o enriquecimento curricular de todas as crianças e alunos pela vivência conjunta. O esquema seguinte, resume os principais aspetos que orientavam o desenvolvimento das atividades, projetos e oportunidades de aprendizagem que pretendiam implementar:

- **Caracterização do grupo e da sala**

O grupo desta sala, era constituído por 19 crianças, das quais 14 eram do sexo feminino e 5 do sexo masculino. Este grupo era heterogéneo, ou seja, estavam presentes crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos. As crianças que tinham ou completavam no ano de 2023 os 5 anos vão ingressar para o 1.º ciclo este ano, as restantes crianças permanecem no Jardim de Infância. Existiam duas crianças com 5 anos diagnosticadas com Necessidades Educativas Específicas – NEE, mais especificamente com Perturbação do Espectro do Autismo.

O grupo encontrava-se maioritariamente dentro dos parâmetros da faixa etária, ou seja, estavam num estágio de rápido desenvolvimento físico, no que diz respeito ao controle das suas habilidades motoras, finas e grossas, o que permite que consigam correr, saltar, empilhar blocos e também, começar a utilizar a tesoura e todos os materiais de pintura. Relativamente à linguagem e à comunicação, este desenvolvimento estava em pleno andamento, o que quer dizer que estavam a expandir o seu vocabulário, permitindo também que exprimissem as suas necessidades e sentimentos de forma mais articulada. O desenvolvimento cognitivo estava em desenvolvimento, quer a nível de classificação, contagem e pensamento crítico, como a nível de curiosidade e imaginação. O desenvolvimento socio emocional estava em constante crescimento, ou seja, as interações sociais tornavam-se mais complexas pois, as crianças começavam a brincar mais cooperativamente e colaborativamente, aprendiam a partilhar e a resolver conflitos de maneira simples.

Este grupo estava habituado a ter uma rotina bastante consistente, o que permitia às crianças saberem como se desenvolveria o dia. Nos momentos de brincadeira livre, todos demonstravam uma grande curiosidade em explorar o meio que as rodeava. Apesar de tudo o que foi mencionado anteriormente, cada criança tem o seu próprio ritmo de desenvolvimento e, por essa razão, todas tinham necessidades diferentes e um tempo diferente para se desenvolverem. As duas crianças com NE praticamente não comunicavam, nem de forma verbal, nem de forma não verbal, o que requeria outro tipo de atenção, para se tentar compreender as suas necessidades.

Na sua globalidade, este grupo gostava de participar nas atividades propostas, gostavam de ajudar os adultos e até mesmo os colegas. O trabalho idealizado com este grupo ao longo do ano visava um desenvolvimento global, tendo em conta o bem-estar, o respeito, a socialização e a aquisição de valores.

No que diz respeito à sala, esta era a única na instituição e, por essa razão, as crianças tinham todo o espaço da mesma disponível para as mesmas. O espaço exterior, estava equipado com uma caixa de areia e com equipamentos lúdicos como um escorrega, um baloiço de mola, uma casa, triciclos, baldes, pás e outros materiais de rua. Existiam vários recantos, cobertos e não cobertos, com acesso a água, árvores e plantas que disponibilizavam materiais naturais para as brincadeiras das crianças. Apesar de não ser muito grande, o espaço exterior era contíguo ao recreio da escola do primeiro ciclo, que era maior e podia ser utilizado para atividades de mais movimento.

Em termos do espaço interior, existiam duas divisões contíguas que completavam a sala de atividades e que estavam organizadas por áreas, bem preparadas em termos de equipamentos e materiais que, numa lógica de oficina, permitiam a expressão, a experimentação, a descoberta, a construção e o jogo simbólico. Estas áreas não eram estanques e permitiam às crianças a expressão espontânea, a livre escolha, assim como o desenvolvimento de atividades mais orientadas pela educadora. Na sala principal, existia uma zona marcada por um tapete e colchões, destinada aos momentos de reunião em grande grupo, onde se realizava diariamente a planificação do dia e a avaliação, assim como outras atividades conjuntas. Existiam outros espaços no jardim de infância que serviam de apoio ao seu funcionamento, nomeadamente uma pequena sala, onde eram realizadas as planificações e organizavam o trabalho com as crianças e partilhavam ideias e trabalhos entre docentes, a casa de banho das crianças com boas condições para a sua autonomia, outras casas de banho para adultos e com adaptação a outras necessidades, um gabinete para docentes, e, ainda, uma cozinha e um refeitório partilhado pelos alunos do primeiro ciclo.

Para além disso, é de referir que na entrada do edifício, onde diariamente se realizava o contacto com as famílias nos momentos de acolhimento e despedida das crianças, existia um espaço destinado a esse momento e onde todas se reuniam enquanto não iniciavam a sua rotina. Ao longo da sala, existiam ainda placards onde eram expostos os trabalhos que as crianças realizavam.

- **Projeto de Intervenção**

O projeto de intervenção foi elaborado com base nas necessidades identificadas no grupo e nos interesses dos mesmos, tal como os restantes projetos realizados ao longo dos semestres. Foi adaptado ao contexto específico e foram estabelecidos termos metodológicos e pedagógicos de acordo com a intenção do projeto. A flexibilidade é uma característica fundamental, permitindo ajustes e alterações conforme os interesses e necessidades expressos pelo grupo de crianças no momento. Além disso, desempenha um papel regulador ao incorporar objetivos e metas, delineando o planeamento, as estratégias e os instrumentos de avaliação da prática educativa.

O projeto foi desenvolvido avaliando cuidadosamente o grupo e as suas particularidades. O objetivo é proporcionar às crianças a exploração de diversas áreas ao longo do período de intervenção, visando promover o desenvolvimento em vários aspetos. As atividades planeadas não seguem uma sequência linear, mas estão interligadas com os objetivos gerais do mesmo.

Relativamente ao tema, este não se focava apenas num tópico específico, mas sim no desenvolvimento saudável das crianças a todos os níveis, procurando assim explorar diversas temáticas, tendo em conta as diferentes áreas de conteúdo. Através da observação realizada, foi possível verificar que a orientação do grupo esteve sempre focada no mesmo método, ou seja, com uma rotina sempre fixa, onde não é possível haver grandes alterações e onde a avaliação se foca em fichas ou registos de trabalho que, conseqüentemente, não permitem exploração de novos materiais e técnicas.

Procurou-se realizar um projeto que, acima de tudo viesse do interesse e das necessidades das crianças, mas que focasse a estimulação sensorial, com o objetivo de possibilitar a exploração de novas técnicas e materiais, não excluindo nenhuma área de conteúdo. Para além disso, a disposição do grupo ao longo das atividades também podia ser alterada, tendo em conta a atividade em si e as características específicas das crianças, desta forma, colocava-se em práticas diferentes estratégias, como: aprendizagem colaborativa; trabalho individual; diálogo em grupo; etc. Portanto, seguindo a linha de pensamento acima frisada, o objetivo principal foi não focar apenas um tema, mas sim abordar várias questões essenciais para o desenvolvimento saudável das crianças, de forma a contribuir para o crescimento pessoal e social de cada criança.

Como objetivos foram definidos os seguintes:

- ✓ Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social;
- ✓ Cooperar com os outros no processo de aprendizagem;
- ✓ Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação;
- ✓ Desenvolver a motricidade fina e global;
- ✓ Compreender que a escola e a família são parceiras face à sua integração e desenvolvimento durante todo o percurso académico;
- ✓ Despertar uma atitude crítica face ao contexto que a rodeia, desenvolvendo experiências que lhe permitam realizar aprendizagens significativas e diferenciadas.

Ao longo da intervenção pedagógica, como forma de organização, eu e o meu par de estágio, consideramos oportuno, planear semanalmente, tendo sempre em conta os interesses e as necessidades avaliadas e demonstradas pelas crianças e, ao mesmo tempo, a exploração de diversas temáticas e materiais. Uma vez que, este projeto não se focou apenas num tema, algo que aconteceu nos estágios anteriores, senti que foi mais desafiante, mas ao mesmo tempo mais enriquecedor, porque considero que as crianças exploraram e desenvolveram diferentes aspetos, algo que talvez não fosse totalmente possível com o impedimento de seguir apenas um tema.

Posto isto, selecionei algumas das atividades que considerei que tiveram maior sucesso e que vai ao encontro do tema explorado no relatório final, ou seja, a aprendizagem colaborativa como elemento preponderante do desenvolvimento socioafetivo das crianças.

Uma das atividades que despertou maior interesse às crianças em participar foi a pintura com a técnica da esponja, representando as “emoções misturadas” (anexo 4), algo referido por uma criança dois dias antes e explorado com esse propósito. O grupo ficou dividido, para conseguirem pintar 3 círculos e terem maior facilidade na pintura. Todos estiveram envolvidos na atividade e mostraram um grande interesse pela mesma, demonstrando também que não queriam parar de pintar. Para além de realizarem a



Figura 5 - Atividade - "Emoções misturadas"

atividade em pequenos grupos, que promovia a aprendizagem colaborativa, as crianças também procuraram fazer experiências em conjunto, como juntar as cores e entender qual era a cor final.

Para além da atividade referida acima, também considerei a atividade seguinte das mais importantes do projeto, uma vez que, consistiu na realização de uma história (anexo 5), em conjunto com o grupo de crianças e, por fim, uma apresentação da história ao 1º. ciclo, o que permitiu uma relação entre as escolas e as pessoas das mesmas. Considero esta relação bastante enriquecedora para todos os envolvidos. A atividade focou-se na criação de personagens, com o apoio das crianças e também da história. Depois, de acordo com as ações da mesma, foi pedido a cada criança que desenhasse algo relativo a uma ação ou personagem, para incluir o desenho na história. Desta forma, as crianças participaram na construção geral da história.

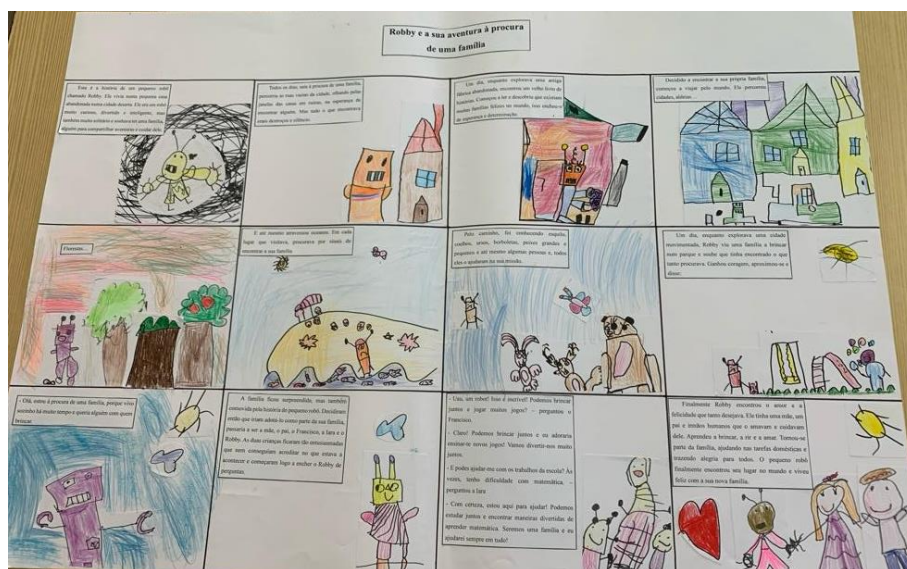


Figura 6 - Atividade "História do Robot"

Por fim, também considerei a seguinte atividade como das mais enriquecedoras ao longo do projeto de intervenção, porque permitiu explorar diversos valores e a importância dos mesmos. Esta atividade consistiu na realização de um saco para o Pai Natal (anexo 6), uma vez que estávamos na época festiva correspondente. Considerei esta atividade importante, porque as crianças têm de desenvolver e clarificar os valores e, apesar de ser importante em qualquer altura do ano, nesta época é importante reforçar, para que entendam que há muito mais para além dos brinquedos que querem pedir. Para facilitar, pedi a todas as crianças que escolhessem um brinquedo para o Pai Natal dar a outras crianças e, de seguida, perguntava algo que quisessem dar para além

de brinquedos, ao qual responderam o que está escrito na figura seguinte. Foi uma atividade bastante enriquecedora e de grande desenvolvimento.



Figura 7 - Atividade "Saco do Pai Natal"

- **Avaliação do projeto**

Faço um balanço bastante positivo em relação ao projeto de intervenção, mas também das semanas de observação realizadas anteriormente. O projeto partiu das necessidades e nos interesses das crianças e foi adaptado ao longo do tempo, tendo em conta a avaliação que fazíamos. O grupo demonstrou sempre muito interesse em tudo o que era proposto e sinto que criei uma relação com todas as crianças bastante positiva.

Posso referir também que, a adaptação das atividades para as diferentes faixas-etárias, foram um grande desafio, mas que foi ultrapassado ao longo do período de estágio, com ajuda da educadora cooperante, como com o meu par de estágio e com a orientadora. Algumas vezes, após a implementação de uma atividade é que conseguíamos fazer uma avaliação do nosso trabalho e, entender o que poderia ser ou não melhorado, para que as crianças tivessem o maior proveito da mesma. Neste estágio, privilegiei, tal como nos restantes, uma abordagem inclusiva para todas as crianças e, por essa razão procurei incluir sempre todos os elementos do grupo em todas as atividades e, principalmente, na rotina diária. Este fator foi desafiante, mas ao mesmo tempo, recompensador, uma vez que procurávamos adotar estratégias para incluir todas as crianças nas atividades.

Percurso de desenvolvimento profissional

A reflexão sobre o percurso de desenvolvimento profissional em educação pré-escolar representa uma jornada repleta de aprendizagens, desafios e crescimento contínuo. À medida que me envolvi nesta área, passei pelos diferentes estágios e fui moldando a minha prática e o meu pensamento sobre o papel crucial que posso desempenhar no dia a dia e no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Inicialmente, apesar da paixão pela educação ser a mesma, posso dizer que tanto na teoria como na prática estava bastante mais limitada do que neste momento, uma vez que, através da observação e intervenção pedagógica fui adquirindo cada vez mais conhecimentos. A observação foi sempre bastante necessária para conseguir responder aos interesses e necessidades das crianças e, posteriormente planificar consoante as observações, mas essencialmente no primeiro estágio. Depois, ao longo da formação que adquiri e dos estágios, considero que me tornei cada vez mais preparada para o meu futuro enquanto profissional de educação.

Ao longo da prática de ensino supervisionada comecei a desenvolver uma compreensão mais profunda do desenvolvimento infantil, das teorias educacionais e dos modelos curriculares e, também, das melhores práticas de ensino-aprendizagem para as crianças. Estes tópicos tinham em conta a sua idade e os seus interesses e necessidades, por exemplo, as explorações sensoriais, as aprendizagens lúdicas, a aprendizagem colaborativa, o projeto de trabalho, a aprendizagem baseada em experiências, etc. Aprendi a adaptar as minhas estratégias, tendo em conta as necessidades individuais das crianças, reconhecendo a importância de abordagens diferenciadas e inclusivas, tais como: apoio individualizado, atividades cooperativas, material didático diversificado, comunicação acessível, etc. É “através do diálogo, a negociação, o consenso, num clima livre de expressão onde a partilha, com todo o grupo possibilita a construção de conhecimento, edificando valores e acrescentando sentidos aos recursos de aprender” (Pereira, 2019, p.82).

No entanto, o desenvolvimento profissional não se foca apenas na aquisição de conhecimento teórico, pelo contrário, também envolve a reflexão continua sobre a prática pedagógica, tal como se evidencia nas reflexões que realizamos dos estágios e, inclusive nesta. À medida que se ganha experiência, é essencial dedicar bastante tempo a refletir sobre as práticas desenvolvidas, sobre os resultados obtidos e,

consequentemente, considerar as estratégias e os materiais, de forma a aprimorar continuamente a abordagem educacional.

A reflexão sobre os diferentes estágios permite identificar as minhas próprias forças e áreas de melhoria, bem como reconhecer as necessidades de cada criança dos grupos-turma. Desta forma, permite-me fazer ajustes na prática, experimentar novas estratégias e abordagens, e aprimorar a capacidade de atender às diversidades das crianças. É importante ter esse aspeto em atenção porque “o desenvolvimento motor, social, emocional, cognitivo e linguístico da criança é um processo que decorre da interação entre a maturação biológica e as experiências proporcionadas pelo meio físico e social” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.8).

Ao longo de todos os estágios/contextos pelos quais passei, foi sempre reforçada a importância da observação do grupo, para realizar um diagnóstico das suas necessidades e dos seus interesses, e desta forma, considero que foi algo essencial e que deve ser utilizado em todos os estágios, mas também durante todo o percurso profissional, visto ser importante a observação e o levantamento destes aspetos. Para além das semanas iniciais de observação, as restantes, apesar de terem sido de intervenção, existiu muita observação de todas as crianças. Tal como referi, considero a observação um fator essencial, uma vez que, sem este não é possível identificar as habilidades e as necessidades das crianças e, consequentemente, adaptar as práticas tendo em conta esses fatores.

Os projetos de intervenção foram concretizados com base nas observações realizadas, tal como referido, nas semanas iniciais de cada estágio. Tiveram como base o diagnóstico levantado das necessidades e dos interesses de cada grupo, uma vez que, os projetos tiveram como objetivos seguir os interesses das crianças, desenvolver aprendizagens e combater as dificuldades. Para além do que foi referido anteriormente, foi tido em atenção os projetos de sala e da instituição, que orientavam os grupos nos períodos respetivos.

Relativamente às educadoras cooperantes, foi evidente que enfrentam o desafio de compreender e analisar as diversas interações entre as crianças, assim como a complexidade do processo de aprendizagem individual e coletiva, o que inclui trabalhar com as dificuldades, inquietações, habilidades, entre outros fatores. Portanto, é crucial que o educador reflita sobre todos os aspetos envolvidos na sua relação educativa com as crianças.

Dentro da mesma linha de pensamento, considero que a relação das educadoras cooperantes com o grupo de crianças foi sempre bastante positiva, não houve um estágio em que isso não acontecesse. Tanto as educadoras como as crianças, demonstravam sempre bastante carinho e afeto, na relação que estabeleciam. Esta ligação não aconteceu em todos os estágios, verifiquei que existe uma grande diferença de pensamento de IPSS para uma instituição pública, apensar de entender que provavelmente não acontece o mesmo em todas as escolas, sendo possível ter sido uma diferença que apenas notei entre as instituições. Através da minha experiência nas práticas de ensino supervisionadas, nas IPSS valorizou-se muito mais o afeto e o carinho, como forma de conforto ou até mesmo um simples cumprimento, do que na instituição pública, onde as crianças não tinham essa possibilidade, mesmo que necessitassem ou, efetivamente pedissem. Nesse caso, tentei sempre reagir da forma que considerava correta, dando colo ou outro tipo de afeto quando considerava que devia de dar. As crianças responderam sempre muito bem e começaram a ter uma relação mais afetuosa e carinhosa e, conseqüentemente, davam outro tipo de abertura para quando não se sentiam bem, como um pedido de ajuda e/ou de conforto.

No que diz respeito à minha integração nos diferentes contextos educativos, tive sempre uma experiência gratificante e enriquecedora. Desde o início que fui recebida calorosamente por toda a equipa educativa e pelas crianças, o que contribuiu para a vivência de ambientes acolhedores e colaborativos. Durante todos os estágios, consegui observar e participar ativamente em diversas atividades pedagógicas, desde a orientação da rotina e da sala até à implementação de estratégias de aprendizagem. Trabalhar lado a lado com educadoras permitiu-me compreender a importância de uma abordagem centrada na criança, adaptando as atividades de acordo com as necessidades individuais de cada uma delas. Para além disso, a interação diária com as crianças proporcionou momentos de aprendizagem únicos, nos quais consegui desenvolver habilidades de comunicação, empatia e resolução de conflitos. Observar o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças ao longo dos estágios foi incrivelmente gratificante e reforçou a minha paixão pela educação. O feedback que fui recebendo também foi fundamental para o meu crescimento enquanto futura profissional e incentivou-me a continuar à procura de aprimorar as minhas competências.

Relativamente às minhas intervenções, considero que evolui bastante, desde a identificação das necessidades das crianças e dos objetivos a atingir em cada protejo até à planificação das diferentes atividades e avaliação das mesmas. Procurei

desenvolver e disponibilizar uma diversidade de recursos que fossem úteis para o dia a dia das crianças. Desta forma, destaco todo o meu percurso de desenvolvimento no que diz respeito à resolução de conflitos e à reflexão sobre as minhas ações e consequentemente o impacto que tinham, uma vez que, através da observação/atenção e também da criatividade, desenvolvi estratégias para a resolução de determinadas situações, nomeadamente as que referi anteriormente. Também dou importância à minha evolução na realização das planificações e na implementação das mesmas, pois considerava que tudo o que planeava tinha de ser realizado no próprio dia. Ao longo dos estágios entendi que é necessário observar o comportamento das crianças e aquilo que elas necessitam no momento, caso seja possível e estejam disponíveis, realiza-se a atividade, contudo se o caso não for esse, também está tudo certo e realizasse quando possível ou se fizer sentido mais tarde. Relativamente à realização de planificações, inicialmente não tinha a perceção da importância e do objetivo das mesmas, só ao longo do meu percurso é que entendi que, efetivamente, é uma metodologia/estratégia fundamental para entender quais são as necessidades e os interesses das crianças, para desenvolver nas atividades.

Todos os estágios que realizei ao longo do Mestrado, foram em conjunto com uma colega que foi sempre meu par de estágio e, considero que foi uma mais-valia, porque tal como julgo importante a aprendizagem colaborativa nas crianças, também com os adultos é essencial o trabalho colaborativo. A aprendizagem colaborativa é fundamental para promover um ambiente de aprendizagem enriquecedor e inclusivo, pois ao colaborarmos com outros profissionais, podemos proporcionar ambientes educativos mais eficazes. Uma das principais razões para valorizar a aprendizagem colaborativa é por cada criança ser única e, trabalhando em equipa, podemos partilhar informações e observações sobre o desenvolvimento de cada criança, permitindo um maior alcance e, por conseguinte, uma abordagem mais personalizada e centrada na mesma. Para além disso, as parcerias que possam existir dentro de uma escola, permitem às crianças desenvolver habilidades de colaboração, comunicação e resolução de conflitos. Segundo Torres e Irala (2014), a abordagem da aprendizagem colaborativa tem como principais objetivos a promoção da modificação do papel do educador para facilitador, o desenvolvimento de capacidade de metacognição e o aumento da aprendizagem por meio da colaboração, em que os pares se apoiam mutuamente (p.76).

No que diz respeito às dificuldades, sinto que ao longo dos estágios fui perdendo algumas das que eram as minhas dificuldades iniciais, como por exemplo: gestão do

comportamento, planeamento das atividades e reflexão sobre a prática. A gestão do comportamento focava-se na resolução de conflitos, mas ao longo do tempo fui encontrando estratégias consoante as necessidades e as razões das crianças, nomeadamente, o reforço positivo, a promoção de atividades cooperativas, a promoção da empatia, aprendizagem de habilidades sociais como escutar, comunicar e cooperar. O planeamento das atividades, tal como já referi, a grande dificuldade era planear e não conseguir implementar, mas entendi que estava rudo certo em não seguir totalmente a planificação, se fosse em prol do bem-estar e coerência da ação educativa. A reflexão sobre a prática, foi-se tornando cada vez mais aprimorada no que toca à identificação das áreas para melhoria. No entanto, no último estágio, consegui entender que todos os pontos referidos acima estavam cada vez mais desenvolvidos e, deparei-me com a dificuldade em gerir o tempo, uma vez que a rotina era um aspeto que tinha de ser seguido rigorosamente, contudo, concluí o estágio a sentir que foi outra dificuldade ultrapassada. Dificuldade essa que, mais tarde entendi que não era algo negativo, uma vez que, a gestão do tempo com aquele grupo era demasiado rigorosa, ao ponto de as crianças terem de parar de brincar ou de realizar uma atividade porque estava na hora de fazer outra coisa. Neste caso, entendi que não era algo que defendia, porque estava a tirar o prazer que as crianças tinham naquele momento e, conseqüentemente, a prejudicá-las. Desta forma, tentei seguir os conselhos da educadora cooperante, mas ao mesmo tempo gerir o tempo de forma mais razoável e permitir que as crianças sentissem prazer durante as atividades e as rotinas do dia.

Por fim, quero referir que as experiências dos estágios foram fundamentais para o meu futuro enquanto educadora de infância, sendo uma jornada contínua de aprendizagem, onde vou estar sempre à procura de aperfeiçoar as habilidades e práticas, para oferecer uma educação de qualidade a todas as crianças.

Parte II – Componente Investigativa

1. Contextualização do estudo e objetivos

A partir da problemática que orientou o exercício investigativo “As relações interpessoais no desenvolvimento socioafetivo das crianças: implicações na(s) prática(s) em educação de infância”, formulei a questão orientadora deste estudo “Em que medida a promoção da aprendizagem colaborativa em contexto educativo é potenciadora do desenvolvimento socioafetivo das crianças?”.

Esta problemática, foi surgindo ao longo dos estágios que realizei no mestrado, em Educação Pré-Escolar, uma vez que a aprendizagem colaborativa é, cada vez mais, utilizada como estratégia para o desenvolvimento socioafetivo das crianças. No seguimento desta questão pretendo, efetivamente, confirmar se a promoção da aprendizagem colaborativa é potenciadora do desenvolvimento socioafetivo das crianças.

Para dar resposta à questão orientadora desta investigação, defini os seguintes objetivos:

- Conhecer as perceções das educadoras sobre a aprendizagem colaborativa e sua influência no desenvolvimento socioafetivo das crianças;
- Conhecer as perceções das crianças sobre a aprendizagem colaborativa e suas implicações nas suas próprias aprendizagens;
- Caracterizar situações de aprendizagem assentes em aprendizagem colaborativa entre as crianças, na perspetiva das educadoras e das crianças;
- Caracterizar o processo de conceção, operacionalização e avaliação (planeamento) de situações de aprendizagem e desenvolvimento socioafetivo;
- Identificar estratégias e atividades promotoras do desenvolvimento socioafetivo das crianças;
- Identificar potencialidades e dificuldades no desenvolvimento de estratégias/atividades na aprendizagem colaborativa enquanto promotoras do desenvolvimento socioafetivo.

2. Enquadramento teórico

✓ Conceito de aprendizagem colaborativa

O desenvolvimento pessoal e social das crianças está diretamente relacionado com a formação das suas personalidades, envolvendo o aprimoramento das suas habilidades e fornecendo-lhes ferramentas e recursos para agirem de forma autónoma e responsável, além de lidarem com os desafios de forma flexível e inovadora. Para além disso, inclui o estabelecimento de padrões de interação entre a criança e os outros, o que implica na aprendizagem de valores, normas e regras de conduta, bem como maneiras de pensar e agir, e a aquisição de habilidades expressivas e comunicativas (Zabalza citado por Cró & Pinho, 2011, p. 2).

Segundo Dillenbourg, 1999 citado por Torres e Irala, 2014, a aprendizagem colaborativa é “uma situação de aprendizagem na qual duas ou mais pessoas aprendem ou tentam aprender algo juntas”. Desta forma, o conceito pode ser entendido de diversas formas, ou seja, o número de sujeitos pode ser variado, não existindo um número máximo, mas apenas um mínimo, que são as duas pessoas. Também pode significar a resolução de problemas em conjunto ou aprenderem em conjunto através de diversas maneiras, seja totalmente em conjunto ou até mesmo com uma simples divisão de tarefas. Assim, “a prática de aprendizagem colaborativa pode assumir múltiplas caracterizações, podendo haver dinâmicas e resultados de aprendizagem diferentes para cada contexto específico” (Torres e Irala, 2014, p.65).

Este tema é altamente relevante, uma vez que as crianças estão cada vez mais expostas a outras crianças, até mesmo antes de ingressarem na escola seja através da frequência em creches ou da interação com irmãos. Durante os primeiros anos de vida, as crianças desenvolvem habilidades emocionais, cognitivas e comportamentais o que por sua vez, facilita o estabelecimento de relações positivas entre pares. Essas interações auxiliam na coordenação de atenção conjunta, na regulação das emoções no controlo dos impulsos e no desenvolvimento das habilidades linguísticas.

A aprendizagem colaborativa pode considerar-se uma aprendizagem mais eficiente, na medida em que, é colaborativa e social, em vez de competitiva e isolada, tal como Torres e Irala (2014) referem, “espera-se que ocorra a aprendizagem como efeito colateral de uma interação entre pares que trabalham em sistema de interdependência na resolução de problemas ou na realização de uma tarefa proposta pelo professor.”.

A aprendizagem colaborativa surge como resultado da crescente ênfase nos princípios sociais, que estão cada vez mais debatidos, dessa forma, abre espaço para uma abordagem educacional que promove a cooperação entre os indivíduos, incentivando valores sociais em relação aos outros. A implementação de uma cultura de colaboração e cooperação está se a tornar cada vez mais proeminente nas nossas escolas (Cunha & Uva, 2016, p.136).

O desenvolvimento pessoal e social engloba as habilidades essenciais para que a criança compreenda e lide com as suas emoções, interaja com os outros e afirme a sua identidade. Esse desenvolvimento é influenciado pelo relacionamento da criança com os seus pais e/ou com outras pessoas (Cró & Pinho, 2011, p. 2).

A aprendizagem colaborativa entre crianças é uma abordagem educacional que enfatiza a interação social e a cooperação entre as crianças para alcançar objetivos comuns de aprendizagem. Essa metodologia é fundamentada na ideia de que a interação entre pares pode enriquecer o processo de aprendizagem, promovendo habilidades cognitivas, sociais e emocionais. Para que essa aprendizagem seja bem-sucedida, é necessária uma implementação eficaz, onde existe um planeamento cuidadoso, contínuo e, uma adaptação às necessidades específicas do grupo de crianças envolvidas. Se, efetivamente, for bem-sucedido, pode-se criar um ambiente de aprendizagem enriquecedor e dinâmico. Segundo Cró & Pinho (2011), “a criança até aos três anos necessita da satisfação das suas necessidades físicas e psicológicas, de relações de confiança com adultos, de respeito pela sua individualidade, de ambientes seguros, saudáveis e adequados ao seu nível de desenvolvimento, oportunidades de interação com outras crianças, tempo para explorar activamente, utilizando todos os seus sentidos, e de oportunidades de aprendizagem significativas.” (p.9).

✓ **Aprendizagem colaborativa e cooperativa: principais diferenças**

Quando se fala em aprendizagem colaborativa, às vezes confunde-se com aprendizagem cooperativa e, por muitas semelhanças, estas são distintas. Segundo Torres e Irala, 2014, a aprendizagem colaborativa, os elementos de um grupo interagem para chegar a um objetivo compartilhado, ou seja, é um procedimento mais amplo, o que não acontece na aprendizagem cooperativa, pois, neste caso, as tarefas são distribuídas pelos membros, contribuindo todos para o objetivo final, mas sem trabalhar em conjunto, enquanto na colaborativa, todos trabalham de forma coordenada, para resolver ou chegar a um resultado em conjunto.

Através da interação com adultos e outras crianças, elas aprendem a adaptar-se às expectativas, regras e costumes sociais. De facto, as relações sociais desempenham um papel crucial no desenvolvimento infantil, permitindo-lhes explorar um vasto novo conjunto de habilidades, como empatia, consideração pela perspetiva dos outros, negociação e cooperação (Brás & Reis, 2012).

Contudo, existem algumas interações iniciais entre crianças que dependem das seguintes habilidades que são desenvolvidas nos primeiros anos de vida: a capacidade de manter a atenção conjunta; a habilidade de regular as emoções; a capacidade de controlar impulsos; a habilidade de imitar as ações de outras crianças; a compreensão de relações de causa e efeito; e a competência na linguagem (Dale, 2005).

Existem teorias educacionais que se baseiam na aprendizagem colaborativa e, Torres e Irala (2014), referem que esta aprendizagem se insere num conjunto de “tendências pedagógicas”, nas quais se identifica essa característica: Movimento da Escola Nova; Teoria de Vygotsky; Teorias da Epistemologia Genética de Piaget; e Pedagogia Progressista. É amplamente reconhecido que o desenvolvimento infantil em todas as áreas é influenciado pela habilidade de estabelecer e manter relações positivas, estáveis e fundamentais com adultos e outras crianças (Patrícia, 2004, p. 38).

Na prática, esta abordagem tem sido frequentemente utilizada em contexto educacional, segundo Torres e Irala (2014), os principais objetivos, que estão centrados nas crianças, são: “a promoção de uma modificação no papel do professor, que passa a ser um facilitador (...), o desenvolvimento de habilidades de metacognição (...), a ampliação da aprendizagem por meio da colaboração, em que os alunos pela troca de pares se ensinam mutuamente.”.

“Nesta linha, a colaboração requer ainda maior partilha e interação do que a realização conjunta de diversas operações, suposta pela cooperação.” (ME, 2022, p.86), desta forma, a colaboração não deve ser vista como um objetivo final em si mesma, mas sim como um meio para alcançar determinados objetivos. Portanto, metas diferentes, em contextos variados, requerem formas distintas de colaboração. Assumindo que a colaboração é um tipo específico de cooperação, ela envolve a realização de trabalho de equipa, onde os participantes aprofundam conjuntamente o seu conhecimento.

✓ **O conceito de desenvolvimento socioafetivo em contexto educativo**

Durante a primeira infância, é crucial que as crianças desenvolvam habilidades sociais que são essenciais para o sucesso social e pessoal. Nesse período, a brincadeira entre as crianças, num ambiente natural e dinâmico, facilita a aquisição de competências sociais importantes. Desta forma, as intervenções focadas no desenvolvimento dessas habilidades, inseridas no contexto significativo da brincadeira, surgem como uma maneira eficaz de melhorar as interações entre pares (Patrícia, 2004). O jardim de infância, não oferece apenas oportunidades valiosas para as crianças interagirem com os seus pares, como também serve como uma fonte abundante de comportamentos sociais que os educadores podem observar atentamente (Brás & Reis, 2012).

Relativamente à avaliação, segundo Torres e Irala (2014), em contextos de aprendizagem colaborativa ou cooperativa, avaliar os métodos adotados pelo grupo envolve realizar uma avaliação focada principalmente no processo em si. É importante avaliar as interações no grupo, receber um feedback constante, ter tempo para refletir e avaliar o processo em grupo.

No que diz respeito aos benefícios, quando existe uma interação entre pares, os próprios envolvidos chegam aos problemas existentes e, conseqüentemente, procuram soluções, de acordo com o seu pensamento, o que possibilita diversas opções de solucionamento. Segundo Valadares, 2003 citado por Torres e Irala, o diálogo entre pessoas e a troca de ideias contribuem para o progresso cognitivo do indivíduo, uma vez que os conhecimentos são moldados socialmente e a pessoa necessita da interação com os outros para formar e confirmar conceitos.

A educação é vista não apenas como a transmissão de conhecimento e aprendizagem, mas também e igualmente importante, como o processo de formar indivíduos críticos, socialmente conscientes, com uma compreensão completa do que é necessário para serem indivíduos éticos, e do que a sociedade espera deles como cidadãos plenamente integrados no seu ambiente (Borsa, 2007, p.4).

A aprendizagem socio emocional ocorre mesmo quando não se procura, de forma explícita, desenvolver habilidades pessoais e sociais, mas “é muito mais eficaz quando explicitamente se incorpora nas propostas pedagógicas e sequências de ensino e aprendizagem” (ME, 2022, p. 50).

3. Metodologia do estudo

3.1 Opções metodológicas

Este exercício investigativo tem natureza qualitativa, ou seja, centra-se na descrição detalhada e na interpretação de fenómenos mais complexos, onde pretendo compreender o significado subjacente às ações e experiências dos participantes. Tal como Bogdan e Biklen (1994) referem que a abordagem qualitativa é um método de investigação que procura descrever e analisar experiências complexas, onde é possível colocar questões pertinentes e observar todos os detalhes, dando oportunidade à existência de pontos de vistas distintos.

Para além de natureza qualitativa, este estudo tem características de investigação-ação, nomeadamente, a participação ativa, a resolução de problemas práticos, metodologia flexível, entre outras. “O carácter prático e interventivo, que decorre das ações orientadas em função de um prévio diagnóstico e da recolha dos dados” e “o carácter colaborativo, que respeita ao grau de implicação dos diversos intervenientes” são algumas das características identificadas acima (Amado, 2014, p.194).

3.2 Participantes

A pesquisa envolveu a colaboração de três educadoras de infância e sete crianças do jardim de infância. As educadoras de infância encontram-se, neste momento, a exercer em contexto pré-escolar, mais especificamente, em Jardim de Infância, sendo que uma delas frequenta uma escola pública e as restantes uma IPSS. Todos os testemunhos foram fundamentais para a elaboração deste relatório, uma vez que estão em contacto com a realidade diariamente. Tal como referi acima, foram realizadas entrevistas às educadoras de infância e às crianças, pois considero ambos os sujeitos essenciais para esta investigação.

Na seleção dos participantes, optei por envolver duas educadoras de infância com quem já tive a oportunidade de trabalhar e uma educadora bastante conhecida pelas suas estratégias e atividades pedagógicas. Os detalhes de caracterização dos entrevistados estão disponíveis nos anexos (anexo 8 e 10).

3.3 Instrumentos de recolha de dados

O método da recolha de dados foi planeado de acordo com a natureza do estudo e as informações requeridas, envolvendo a realização de entrevistas semiestruturadas e análise de documentos.

De acordo com Fontana & Frey (1994) citado por Aires (2015) as entrevistas envolvem o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado, utilizando um conjunto de questões previamente definidas e um conjunto de categorias de resposta. Embora pareça ser uma técnica simples e direta, a realização de uma entrevista requer habilidade e domínio para atingir os objetivos de pesquisa estabelecidos. A informação recolhida possibilita o entrevistador de desenvolver a sua compreensão perante os aspetos referidos pelo entrevistado e, entender melhor o seu ponto de vista.

Os instrumentos de recolha de dados selecionados para a realização desta investigação foram as entrevistas semiestruturadas realizadas às educadoras e às crianças do Jardim de Infância, com o objetivo de analisar a perceção de ambas, sobre a aprendizagem colaborativa e suas influências no desenvolvimento socioafetivo das crianças.

Para a realização das entrevistas semiestruturadas, houve a necessidade de elaborar um guião para as educadoras de infância e para as crianças, onde o conteúdo se altera devido às diferentes faixas-etárias entre o público-alvo, existindo apenas uma adaptação da linguagem.

O guião implementado nas entrevistas às educadoras de infância é composto por 14 questões distribuídas por 6 blocos (anexo 9), especificamente: bloco A – caracterização da entrevistada, onde as docentes apresentam o seu percurso académico e profissional; bloco B – perceção das educadoras sobre a aprendizagem colaborativa; bloco C – caracterização de situações de aprendizagem colaborativa; bloco D – caracterização do processo de conceção, operacionalização e avaliação de situações de aprendizagem colaborativa; bloco E – identificação de estratégias e atividades e bloco F – identificação das principais potencialidades e principais dificuldades da aprendizagem colaborativa.

O guião implementado nas entrevistas às crianças é composto por 6 questões distribuídas apenas por 2 blocos (anexo 11): bloco A – identificação das crianças e bloco B – perceção das crianças sobre a aprendizagem colaborativa. Estas entrevistas são

adaptadas consoante as características das crianças, ou seja, tornam-se entrevistas mais informais, na medida em que, é um diálogo entre o entrevistador e o entrevistado.

Durante a realização dos guiões de entrevista, tive em conta o público-alvo e, por essa razão, foram realizados dois guiões, um para as educadoras de infância e outro para as crianças. Existem semelhanças nas questões, houve apenas uma atenção na verbalização, tendo em conta os elementos a entrevistar.

O guião destinado às crianças é composto por seis questões, posicionadas em dois blocos temático distintos. O primeiro bloco foca-se apenas na identificação dos entrevistados e tem presente uma questão. O segundo bloco, tem as restantes questões, e foca-se nas perceções das crianças. O objetivo deste guião era entender a perceção das crianças, no que diz respeito, à aprendizagem colaborativa, mais especificamente, ao trabalho com colegas. Para além disso, pretende-se ainda saber se gostam de trabalhar com os colegas; alguns exemplos de situações em que trabalharam com os colegas e, conseqüentemente, como correu; como é que preferem trabalhar e algo que tenham aprendido com outro colega. Estas entrevistas foram realizadas na instituição, através de uma conversa informal e, foi explicado às crianças o que iria acontecer, criando um ambiente de segurança. Este guião está presente em anexo. O guião destinado às educadoras, é composto por catorze questões que estão distribuídas por seis blocos temáticos. Tal como o guião referido anteriormente, este encontra-se em anexo.

A análise dos guiões focou-se na transcrição e criação de tabelas de análise de conteúdo. Nestas tabelas tentei destacar o que considerei relevante para a investigação. De acordo com Moraes (1999), a análise de conteúdo é uma interpretação subjetiva do pesquisador em relação à perceção dos dados. Para este estudo, segui as etapas propostas por Moraes (1999), que incluem a organização das informações, a transformação do conteúdo em unidades de sentido e a categorização dessas unidades em categorias e subcategorias. Essa abordagem permitiu-me condensar os dados, agrupando-os e padronizando-os, facilitando a análise das respostas e as suas interpretações.

3.4 Procedimentos de análise de dados

Após a transcrição das entrevistas, foi realizada uma organização meticulosa dos dados para garantir uma leitura clara e metodologicamente organizada para facilitar a análise de conteúdo (anexos 14 e 15). Inicialmente, identifiquei os principais tópicos que seriam integrados na grelha de análise de dados, dividindo-a em cinco partes fundamentais: blocos temáticos, categorias, subcategorias, unidades de sentido, número de unidades de sentido e número de participantes.

Os blocos temáticos foram organizados a partir do guião da entrevista, servindo como exemplo para agrupar os diferentes temas a serem abordados. De seguida, defini as categorias, que estavam ligadas às questões feitas aos entrevistados, apresentando as conceitos-chave das perguntas das entrevistas. As subcategorias foram desenvolvidas com base nas respostas dos entrevistados, agrupando os dados em temas concisos. Depois, foi realizado o processo de transformação dos dados em unidades de sentido, onde essas informações foram tratadas independentemente do contexto original, sendo integradas em novos conjuntos de informações. Apesar de alguns dados terem sido cortados durante esse processo, foi garantido que as unidades de sentido representassem conjuntos de informações significativas. Por fim, a frequência de cada unidade de sentido foi contabilizada de acordo com a sua repetição.

Por fim, é importante notar que o processo de reconhecimento da análise de conteúdo não se limita apenas à aplicação de conhecimento sobre a avaliação de dados. Também requer capacidade intuitiva, compreensiva e sensibilidade para entender o significado subjacente aos dados analisados.

Segundo Bardin L., a análise de conteúdo não tem o mesmo objetivo que a linguística, uma vez que, a análise de conteúdo trabalha a “prática da língua realizada por emissores identificáveis” (2016, p.25). Para além disso, também tem em consideração o conteúdo, a sua forma e a distribuição do mesmo.

4. Apresentação e análise dos resultados

Neste ponto, será apresentada a análise dos resultados das entrevistas realizadas às educadoras e às crianças de Jardim de Infância, e serão extraídas as principais conclusões de acordo com as teorias dos autores estudados.

4.1 Interpretação dos resultados das crianças

Inicialmente, irei apresentar os resultados das entrevistas das crianças, apresentando uma tabela com os dados organizados de forma sintetizada, para melhor compreensão dos resultados conseguidos (Tabela 1 – Categorias e subcategorias provenientes do discurso das crianças).

Tabela 1- Categorias e subcategorias provenientes do discurso das crianças

Bloco temático	Categorias	Subcategorias	Número de sujeitos
Bloco B - Perceção das crianças	Perceção do significado do trabalho de grupo	Compreensão	6
			1
		Preferência/Valorização	7
	Caracterização de situações de trabalho em grupo	Desconhecimento	2
		Pintura	1
		Desenho	1
			1
		Montagens	1
		Recorte e colagem	1
	Caracterização do processo das situações de trabalho em grupo	Perceção positiva	5
		Perceção negativa	2
	Aprendizagens	Colaboração	2
		Objetivos comuns	1
		Desconhecimento	4

Justificação das aprendizagens em contexto de trabalho de grupo (explicação das aprendizagens)	Cooperação	1
	Amizade	2
	Apoio	1
	Outra	2
	Desconhecimento	1

De uma forma geral, a tabela aborda um único tema, identificado como “perceção das crianças” relativamente às suas aprendizagens. A primeira questão tinha como objetivo entender a perceção do significado de trabalho de grupo na perspetiva das crianças, resultando em respostas concisas. Uma das crianças quando questionei “Sabes o que é trabalhar em grupo?” respondeu-me que “Não” (**C6**), mas as restantes responderam todas que “Sim”. Relativamente à valorização do trabalho em grupo, como um apoio/interajuda, todas as crianças responderam que “Sim”, que trabalhar com os amigos/colegas os ajudava e, por essa razão preferiam fazê-lo. Depois procurei desenvolver mais este tema e questionar cada criança sobre exemplos de situações em que trabalharam com os colegas, ao qual uma das crianças respondeu “Pintar e descobrir onde estavam os monstros” (**C2**), que foi uma atividade realizada ao longo do projeto de intervenção, onde o grupo tinha de descobrir onde estavam todos os monstros e pintar, de forma a ficarem salientes no papel de cenário. Na mesma linha, outras crianças mencionaram atividades relacionadas com o desenho, “Desenhar a composição da borboleta” (**C4**), onde todas as crianças participaram na composição da mesma e, só chegaram ao objetivo final quando todas participaram, e no “Desenho Partilhado” (**C5**). Para além das respostas mencionadas, também referiram “Montar a Árvore de Natal” (**C3**) e “Recortar os brinquedos e colar no saco do Pai Natal” (**C7**). Apenas duas crianças referiram “Não sei” (**C1, C6**) quando foram pedidos exemplos de situações em que trabalharam em grupo. Nesta categoria, verificou-se que, no geral, todas as crianças foram capazes de identificar situações de aprendizagem colaborativa.

A questão seguinte teve como objetivo perceber como é que as crianças consideraram que correram as atividades que realizaram em conjunto com os eus colegas. Ao observar as respostas dadas verificou-se uma concordância, ou seja, todas as crianças que mencionaram atividades específicas, afirmaram que as mesmas tinham corrido bem. Apenas as crianças que não foram capazes de referir uma situação de trabalho em grupo é que mencionaram não saber se correram bem ou não. No seguimento da questão anterior, foi interrogado às crianças quais as aprendizagens que

adquiriram ao longo das atividades, no qual a criança 2 referiu “Se trabalharmos em grupo conseguimos o que queremos” (C2), ou seja, se existir apoio e interajuda, conseguem chegar ao objetivo final. As crianças 3 e 5, referiram que “Aprendi a trabalhar em grupo” (C3, C5) e, para além destas respostas, a maioria não conseguiu identificar possíveis aprendizagens adquiridas ao longo das atividades.

Por fim, a última questão visava compreender o porquê da preferência das crianças em trabalhar em grupo, visto ser uma resposta unanime, ao qual existiram diversas justificações. A criança 1, referiu que “Ajudamo-nos uns aos outros” (C1), ou seja, existe cooperação. De seguida, duas crianças referiram que preferem trabalhar em grupo porque “Gosto dos colegas” (C2, C6). Também a criança 1, referiu que assim “Tenho ajuda”, ou seja, tem um apoio durante a aprendizagem e colaboram entre elas. Fora estas respostas, as restantes não foram capazes de justificar com algo concreto, apenas referindo que “Não sei” (C4), ou então, que preferem trabalhar em grupo “Porque sim” (C2, C6).

Posso concluir que, através da análise que realizei das entrevistas às crianças, no geral o grupo de crianças compreende o que é trabalhar em grupo e, para além disso também valoriza essa estratégia, nomeadamente, porque melhora a relação entre pares, favorece a ajuda e interação e conseguem chegar a um objetivo comum mais facilmente.

4.2 Interpretação dos resultados das educadoras de infância

Neste segundo tópico, irei analisar as entrevistas das educadoras de infância, apresentando uma tabela com os dados organizados de forma sintetizada, como forma de entendimento dos resultados conseguidos (Tabela 2 – Categorias e subcategorias provenientes do discurso das educadoras de infância).

Tabela 2 - Categorias e subcategorias emergentes do discurso das educadoras de infância

Blocos temáticos	Categorias	Subcategoria	Número de sujeitos
Bloco B – Perceção das educadoras de infância	Perceção do significado de aprendizagem colaborativa	Colaboração	1
		Aprendizagem conjunta	1
		Interação e colaboração	1
	Utilização da aprendizagem colaborativa como estratégia pedagógica	Preferência/Valorização	3
	Justificação da utilização da aprendizagem colaborativa	Processo de desenvolvimento proximal das crianças	1
		Desenvolvimento da autonomia, empatia, interajuda	1
		Capacidade de observação e escuta das necessidades dos outros	1
	Perceção da influência da aprendizagem	Preferência/Valorização	3

	colaborativa no desenvolvimento e aprendizagem das crianças		
	Caracterização de situações que estimulem o desenvolvimento socioafetivo das crianças	Brincadeira em grupo	1
		Dinamização de histórias	1
		Diálogos/Jogos em grande grupo	1
		Organização e arrumação do espaço em conjunto	1
Bloco C – Situações de aprendizagem	Caracterização de situações de aprendizagem colaborativa	Autonomia no dia-a-dia	1
		Jogos sociais	1
		Atividades coletivas	1
		Construção a pares	1
		Projetos de trabalho	1
		Momentos em grande grupo	1
		Projetos/atividades com o 1.º ciclo	1
Bloco D – Planeamento	Descrição do processo de planeamento (conceção) e operacionalização de	Escutar as crianças	1
		Planeamento prévio	1

	situações de aprendizagem colaborativa	Momentos espontâneos	1
	Caracterização da avaliação	Observação	2
		Registo	1
		Avaliação contínua	1
	Perceção do planeamento destinado ao desenvolvimento socioafetivo das crianças	Preferência/Valorização	3
Caracterização do planeamento	Implicar as crianças na avaliação	1	
	Planificação	2	
Boco E – Estratégias e atividades	Identificação das estratégias	Participação ativa das crianças	2
	Identificação das atividades	Dinamização de histórias	1
	Caracterização das estratégias e atividades como facilitadoras do desenvolvimento socioafetivo das crianças	Implicação e envolvimento das crianças nas atividades	1
		Participação conjunta das crianças	2
Bloco F – Potencialidades e dificuldades	Identificação das potencialidades da aprendizagem colaborativa na promoção do desenvolvimento socioafetivo	Desenvolvimento proximal	1
		Maior nível de envolvimento e implicação	1
		Ambiente educativo estimulante, de bem-estar e inclusão	1

		Desenvolvimento da autonomia, empatia e interajuda	1
		Capacidade de observação e escuta das necessidades do outro	1
	Identificação das dificuldades da aprendizagem colaborativa no desenvolvimento de estratégias/atividades promotoras do desenvolvimento socioafetivo	Heterogeneidade dos grupos	1
		Tempo reduzido para escutar cada criança	1
		Gestão da questão da partilha	1
		Capacidade de esperar pela sua vez	1
		Respeito pelo espaço e tempo dos outros	1

Analisando a tabela acima verifica-se que a primeira categoria diz respeito ao significado de aprendizagem colaborativa, no qual as educadoras consideraram como uma estratégia pedagógica (segunda categoria). Na perspetiva da educadora 1, a aprendizagem colaborativa “é uma forma de ser, estar, fazer e aprender uns com os outros, em interação e colaboração” **(E1)**. A educadora 2, refere que a aprendizagem colaborativa “pressupõe a colaboração entre crianças no contexto escolar” **(E2)**, já a educadora 3 considera que “é uma forma de aprendizagem conjunta entre crianças” **(E3)**. No seguimento da preferência das educadoras quanto à aprendizagem colaborativa, foi pedido que justificassem o porquê da utilização deste método de aprendizagem, no qual as educadoras referiram diversos benefícios. As educadoras mencionaram que utilizam esta estratégia “para promover o processo de desenvolvimento proximal das crianças” **(E1)**, “para promover o desenvolvimento da autonomia, empatia e interajuda” **(E2)** e “para promover o desenvolvimento da capacidade de observação e escuta das necessidades do outro” **(E3)**. Através destas

justificações, ficou evidenciado que, no geral, todas consideram que a aprendizagem colaborativa influencia o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Na última categoria, destinada às percepções das educadoras, foi questionado, de que formas as educadoras estimulam o desenvolvimento socioafetivo no dia-a-dia das crianças. Nesta categoria, todas mencionaram situações distintas, tais como: “implementação de dinâmicas de convivência democrática no funcionamento do grupo, como o de brincar em grupo e realização de tarefas de bem comum, como organizar arrumar espaços em conjunto” **(E1)**; “dinamização de histórias sobre as emoções, a empatia, os sentimentos, etc.” **(E2)**; e “diálogos/jogos em grande grupo, fomentando atos de bondade entre as crianças” **(E3)**. A compreensão das emoções no ambiente da Educação Pré-Escolar facilita as relações entre pares, incentivando a empatia em relação aos outros. Quando as crianças conseguem identificar as suas próprias emoções e as dos colegas, tornam-se mais aptas a ajustar os seus comportamentos, de acordo com as circunstâncias (Denham, 1998).

No bloco temático seguinte, que se refere às situações de aprendizagem, a única categoria existente, foca-se na caracterização de situações de aprendizagem colaborativa onde, mais uma vez, todas as educadoras focaram diferentes situações. A Educadora 1 referiu que, desenvolve “projetos de trabalho, por forma a eu as crianças vão gradualmente interiorizando a metodologia por trabalho de projeto”, “a metodologia de trabalho de projeto é considerada uma abordagem pedagógica, que promove a participação ativa dos alunos” (Mateus, A., 2020, p.5), também valoriza “o momento em grande grupo de manhã, para planificar o dia, e no final do dia, para avaliar como correu”, e também, realiza “projetos/atividades conjuntas com o 1.º ciclo, valorizando a articulação curricular e interação entre crianças e alunos” **(E1)**, “a ação do/a educador/a permite também que as crianças beneficiem de oportunidades que são proporcionadas pela frequência de um estabelecimento educativo, alargando as suas relações com outras crianças de diferentes idades e níveis educativos (OCEPE, 2016, p.28). A educadora 2, promove “a autonomia no dia-a-dia, ou seja, ajudar a caçar e descalçar os sapatos, ajudar a vestir e despir o casaco, ajudar a descascar a fruta, ir buscar algum objeto para dar a outra criança, ajudar a apertar os botões do bibe, etc.” e as crianças realizam “construções a pares com peças de lego, puzzles, etc.” **(E2)**, “a construção da autonomia envolve uma partilha de poder entre o/a educador/a e as crianças, que têm a possibilidade de fazer escolhas e tomar decisões, assumindo progressivamente responsabilidades pela sua segurança e bem-estar” (OCEPE, 2016, p.36). A educadora 3, realiza “jogos em grande grupo” e “pinturas coletivas, atividades sensoriais de grande escala” **(E3)**. Segundo do documento Planear e Avaliar na Educação Pré-Escolar, o que

as crianças aprendem “revela-se no brincar, que traduz a sua curiosidade natural de explorar o mundo que as rodeia e de interagir com os outros” (p.56).

O bloco destinado ao planeamento está dividido em diversas categorias. A primeira categoria, refere-se à descrição do processo de planeamento e operacionalização de situações de aprendizagem colaborativa. “Planear é fundamental para prever e antecipar o que é mais importante realizar, para promover as aprendizagens das crianças” (Cardona, M., 2021, p.79). As educadoras referiram diversas características que têm em conta durante o processo de planeamento, mais especificamente, “o mais importante é ouvir as crianças, criar condições para brincar e para a adesão a novas propostas” (**E1**), o planeamento prévio (**E2**), “momentos espontâneos que surgem das interações entre crianças” (**E3**). Relativamente à caracterização da avaliação, as educadoras focaram-se em métodos bastante abordados na educação pré-escolar, nomeadamente, a “avaliação contínua por forma a adequar a intervenção pedagógica” (**E1**), a “observação” (**E2**) e o “registo” (**E3**). Segundo o documento Planear e Avaliar na Educação Pré-Escolar, “Observar, registar, documentar, planear e avaliar constituem etapas interligadas que se desenvolvem em ciclos sucessivos e interativos, integrados num ciclo anual” (p.87). Ainda se verificou que as educadoras valorizam um planeamento mais adequado ao desenvolvimento socioafetivo das crianças e adotam estratégias para a realização desse planeamento, particularmente, “é muito importante planificar e avaliar com a participação direta das crianças, de acordo com os seus interesses e necessidades” (**E1**), “se for sentida a necessidade de uma abordagem mais profunda sobre as emoções, é elaborada uma planificação que vá ao encontro das necessidades das crianças (**E2**), e dentro da mesma linha de pensamento, a “realização de planificação com a participação de todas as crianças” (**E3**). Como defende o documento Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) “O reconhecimento da capacidade da criança para construir o seu desenvolvimento e aprendizagem supõe encará-lo como sujeito e agente do processo educativo, o que significa partir das suas experiências e valorizar os seus saberes e competências únicas, de modo que possa desenvolver todas as suas potencialidades.” (p.10).

Relativamente a estratégias e atividades utilizadas para promover o desenvolvimento socioafetivo das crianças, as educadoras 1 e 3 referiram que “é muito importante planificar e avaliar com a participação direta das crianças” (**E1, E3**), e a educadora 2 identificou a “dinamização de histórias sobre as emoções, a empatia e os sentimentos” (**E2**) como atividade promotora do desenvolvimento socioafetivo das

crianças. No geral, “todas as que envolvam a participação conjunta das crianças” **(E2)**, são atividades facilitadoras do desenvolvimento socioafetivo das crianças e, “desde que seja criado um clima de bem-estar que facilite a implicação e o envolvimento das crianças nas várias atividades” **(E1)**, também se verifica essa potencialidade. “A participação das crianças, sendo não só um direito, mas também um meio de aprendizagem, vai sendo construída ao serem envolvidas na tomada de decisões sobre a organização do ambiente educativo sobre o seu processo de aprendizagem” (Cardona, M., 2021, p.129).

Por fim, o bloco F que se destina às potencialidades e às dificuldades, está dividido em duas categorias. No que diz respeito às potencialidades da aprendizagem colaborativa, as educadoras enumeraram algumas, como: “facilita o desenvolvimento proximal” **(E1)**; “desenvolve um ambiente educativo estimulante, de bem-estar e inclusão” **(E1)**; “promove o desenvolvimento da autonomia, empatia, interajuda” **(E2)**; “desenvolve a capacidade de observação e escuta das necessidades do outro” **(E3)**; e “propicia um maior nível de envolvimento e implicação na dinâmica das atividades” **(E3)**. Relativamente às dificuldades, as educadoras também identificaram algumas, como: “por vezes os grupos são muito heterogéneos” **(E1)**, “às vezes o tempo é reduzido para ouvir cada criança” **(E1)**, “dificuldade em gerir a partilha entre crianças” **(E2)**, “dificuldade em gerir a capacidade de esperar pela sua vez” **(E3)**; e “dificuldade em respeitar o espaço e tempo dos outros” **(E3)**.

Posso concluir que, no geral, as educadoras veem a aprendizagem colaborativa e o desenvolvimento socioafetivo como componentes interligadas e essenciais para a educação holística. Acreditam que, ao promover a colaboração e o desenvolvimento socioafetivo, estão a preparar as crianças para o seu futuro, ou seja, para serem cidadãos responsáveis, empáticos e eficazes em interações sociais e profissionais. A implementação eficaz destas abordagens requer apoio institucional, formação contínua e um compromisso com práticas pedagógicas inclusivas e reflexivas.

4.3 Síntese comparativa dos resultados

Fazendo uma síntese global dos resultados recolhidos nas entrevistas conduzidas com educadoras e crianças, é evidente a existência de uma concordância geral de ideias e conceções. No entanto, ao longo da interpretação dos dados também é possível verificar algumas opiniões/ideias distintas, eventualmente devido à realidade de cada profissional e, provavelmente, também devido à experiência profissional. Relativamente à interpretação de dados recolhidos das crianças, consigo relacionar as respostas, tendo em conta a faixa-etária das mesmas.

No que diz respeito ao significado de aprendizagem colaborativa, foram apresentadas conceções idênticas, uma vez que, todas justificam como a interação e colaboração entre crianças em contexto escolar e, valorizam a aprendizagem colaborativa como estratégia pedagógica. A maioria da resposta das crianças também indica que reconhecem o significado de aprendizagem colaborativa. Quanto à justificação da utilização da aprendizagem colaborativa em contexto educativo, todas as docentes identificaram diversas características potenciadoras no desenvolvimento das crianças, tal como o grupo de crianças valorizou o trabalho em grupo, ou seja, as suas respostas vão ao encontro daquilo que as educadoras referiram.

Relativamente às situações que estimulam o desenvolvimento socioafetivo das crianças e, conseqüentemente, inclua a relação entre pares, tanto as educadoras como as crianças identificaram diversas atividades. As crianças identificaram atividades que tinham sido realizadas há pouco tempo e tinham incluído todo o grupo. Já as educadoras, optaram por referir algumas dinâmicas que consideram importantes e interessantes para as crianças a nível do desenvolvimento socioafetivo e, ao mesmo tempo, que incluam uma relação entre pares.

No que diz respeito ao planeamento e operacionalização de situações de aprendizagem colaborativa, mais uma vez, as educadoras mostraram sintonia nas respostas, uma vez que, focaram a importância de escutar as crianças, do planeamento prévio, dos momentos espontâneos vindo das interações entre as crianças, entre outros fatores. Da mesma forma que caracterização a avaliação destes momentos, focando essencialmente a importância da observação, do registo e da avaliação continua priorizando sempre os interesses e as necessidades das crianças. As educadoras mostraram sempre que o principal foco eram as crianças e, tanto a planificação como a avaliação eram realizadas com a participação das mesmas.

As crianças, tal como as educadoras consideram importante a aprendizagem colaborativa, ou seja, querem trabalhar em grupo e referem que aprendem com os colegas e se apoiam uns aos outros, o que torna a aprendizagem mais enriquecedora e, ao mesmo tempo, fortalecem as relações entre os pares.

Por fim, ao serem solicitadas às educadoras exemplos de potencialidades da aprendizagem colaborativa na promoção do desenvolvimento socioafetivo, observou-se que identificaram diversas potencialidades, ou seja, quase todas referiram mais do que uma potencialidade. Essas competências incluíam um desenvolvimento proximal, um maior nível de envolvimento e implicação, um ambiente educativo estimulante, de bem-estar e inclusão, um desenvolvimento da autonomia, empatia e interajuda e uma capacidade de observação e escuta das necessidades do outro. No entanto, quando foram convidadas a partilhar algumas dificuldades, também indicaram diversas, mas ao contrário das potencialidades, estas não se focavam apenas no desenvolvimento das crianças, mas focavam-se, essencialmente, em dificuldades sentidas na educação, ou seja, a heterogeneidade dos grupos, o tempo reduzido para escutar as crianças, entre outros que comprometem o desenvolvimento de atividades que estimulem o desenvolvimento socioafetivo, sem ser de forma individual.

Conclusão

Ao concluir este relatório final, é possível refletir sobre a jornada de pesquisa e aprendizagem que percorri ao longo deste processo. Durante este estudo, explorei em profundidade o tema a que me propus, investigando as suas diferentes perspetivas e examinando as questões levantadas. Ao analisar os dados e rever a literatura relevante, pude desenvolver uma compreensão mais abrangente do assunto em questão.

Este trabalho proporcionou-me uma oportunidade valiosa de reflexão sobre os dois anos de experiência no mestrado. É crucial avaliar a nossa prática como educadores, visando aprimorá-la e adaptá-la conforme necessário ao longo da carreira profissional. Durante a elaboração deste relatório, intitulado “As relações interpessoais e o desenvolvimento socioafetivo das crianças: implicações na(s) prática(s) em educação de infância”, percebi que estava em constante aprendizagem, enquanto assimilava e integrava toda a informação relativa à temática. Apesar de ser um assunto que é abordado e estudado extensivamente, continua a ser bastante atual e relevante para a educação.

Em relação às práticas de ensino supervisionada, como fui referindo ao longo do relatório, estes foram fundamentais para o meu desenvolvimento profissional. Para além das diferentes experiências que tive a oportunidade de vivenciar, existiram também muitos aspetos incluídos nas mesmas, que foram importantes para a minha formação, nomeadamente a reflexão continua com as educadoras cooperantes e as orientadoras, que me incentivaram a repensar na minha prática, diariamente. Também, os registos diários foram essenciais, como método de apoio para registar as situações que facilmente poderiam ser esquecidas e para estimular a reflexão sobre os diversos temas e, para possíveis melhorias.

No que diz respeito às futuras pesquisas, gostaria de entrevistar as crianças e as educadoras deste processo, como forma de comparar as suas opiniões e, ao mesmo tempo, complementar com informações relevantes, relativamente às relações interpessoais e ao desenvolvimento socioafetivo das crianças, tendo em conta as implicações que podem existir nas práticas em educação de infância. O estudo realizado trouxe diversas aprendizagens significativas, oferecendo uma compreensão aprofundada sobre o tema abordado. Primeiramente, foi possível identificar as principais teorias e abordagens que sustentam o campo de estudo, enriquecendo o conhecimento teórico e fornecendo uma base sólida para futuras pesquisas e práticas. A investigação

também destacou a importância de métodos de pesquisa rigorosos e bem delineados para obter resultados válidos e confiáveis.

Relativamente às minhas principais aprendizagens, a análise das teorias relevantes permitiu uma visão holística das dinâmicas e processos envolvidos, facilitando a compreensão do tema. A aplicação de metodologias específicas foi essencial sobre a importância da escolha e execução correta de métodos e análise de dados. Também a habilidade de interpretar informações de forma crítica e fundamentada e, a ligação entre teoria e prática foram uma aprendizagem crucial.

Por fim, as dificuldades e limitações que senti ao longo do desenvolvimento do estudo, focaram-se, essencialmente, a obtenção de uma amostra representativa, o que pode ter impactado a generalização dos resultados e o tempo disponível para a realização do estudo, que se tornou limitado. Destaco que consegui expandir o meu conhecimento sobre vários aspetos da educação infantil e explora novos temas, como métodos de investigação e recolha de dados, que poderão ser úteis e significativos para futuras pesquisas.

- ✓ Denham, S. A. (1998). Introduction. In S. A. Denham (Ed.), *Emotional development in young children* (pp.1-18). The Guilford Press;
- ✓ Field, T.M., & Walden, T.A. (1982). *Production and discrimination of facial expressions by preschool children*. *Child Development*, 53, 1299-1311;
- ✓ Godinho, A. (2016). *Desenvolver a autonomia das crianças em idade pré-escolar: os contributos das rotinas diárias*. Estudo de caso. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/19161/1/TESE.pdf>
- ✓ Marchão, A. (1997). *Formação inicial de educadores de infância e desempenho profissional na creche*. Um estudo de caso. Dissertação de mestrado, Universidade de Aveiro, Departamento de Didática e Tecnologia Educativa, Aveiro;
- ✓ Mateus, A. (2020). *Metodologia de trabalho de projeto: potencialidades e desafios*. Instituto Superior de Educação e Ciências, Lisboa.
- ✓ Moraes, R. (1999). *Análise de conteúdo*. *Revista Educação*, Porto Alegre, 22(37), pp. 7-32.
- ✓ Pereira, C. (2019). *A entrada na profissão no contexto do Movimento Escola Moderna*. *Revista Escola Moderna*, 6ª série (7), 81-98;
- ✓ Roldão, V. (2019). *As experiências sensoriais na creche e no Jardim-de-Infância*. Relatório de Projeto de investigação do Mestrado em Educação Pré-Escolar, Instituto Politécnico de Setúbal. https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/29970/1/Tese_Vilma_Rold%c3%a3o_Vers%c3%a3o_Final.pdf
- ✓ Santos, F. (2015). *Interações sociais entre crianças no ato de brincar*. Relatório do Projeto de Investigação Final. https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/10449/1/Vers%C3%A3oDefinitiva_FilipaSantos_Intera%C3%A7oesSociaisentrecrian%C3%A7asnoatodebrincar.pdf ;
- ✓ Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE);
- ✓ Torres, P. & Irala, E. (2014). *Aprendizagem Colaborativa: Teoria e Prática*. Coleção Agrinho. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4514719/mod_folder/content/0/Aprendizagem-colaborativa.pdf.

Anexos

Anexo 1 – Planificação da atividade “Tapete Sensorial”

Objetivos Específicos	Estratégias/Atividade	Recursos	Duração	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> • Experimentar novas texturas; • Desenvolver a sensibilidade tátil e visual; • Participar autonomamente no movimento exploratório; • Fortalecer a capacidade de concentração. 	<p>Inicialmente, dispomos o tapete sensorial ao nível das crianças e colocamos as crianças, individualmente, em frente do mesmo, de forma que estas explorem livremente, no seu tempo e para que consigamos observar, atentamente, as reações de cada uma delas. Enquanto cada criança está a explorar, tem a oportunidade de conhecer e identificar diferentes texturas. À medida que é realizada esta exploração, existe um incentivo para desenvolver a sensibilidade tátil em todos os tipos de materiais.</p>	Tapete	5 minutos	<p>Indicadores:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Experimenta novas texturas; • Desenvolve a sensibilidade tátil e visual; • Participa autonomamente no movimento exploratório; • Fortalece a capacidade de concentração. <p>Instrumentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observação direta

Anexo 2 – Planificação da atividade “Balões da calma”

Áreas de Conteúdo	Objetivos Específicos	Atividades	Recursos	Duração	Avaliação
<u>Área de Expressão e Comunicação</u> – Domínio da Educação Física; Domínio da Educação Artística	<ul style="list-style-type: none"> ○ Desenvolver a motricidade fina; ○ Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Balões da calma 	Balões; Bolas de gel; Fumil; Marcadores.	30 minutos	Observação direta; Registos fotográficos.

Anexo 3 – Planificação da atividade “Explora a massa”

Áreas de Conteúdo	Objetivos Específicos	Atividades	Recursos	Duração	Avaliação
<u>Área de Expressão e Comunicação</u> – Domínio da Educação Física; Domínio da Educação Artística	<ul style="list-style-type: none"> ○ Desenvolver a motricidade fina; ○ Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Massa de cor 	Farinha de trigo; Sal; Água; Óleo; Corante.	40-50 minutos	Observação direta; Registos fotográficos.

Anexo 4 – Planificação da atividade “Emoções misturadas”

Áreas de Conteúdo	Objetivos específicos	Recursos	Duração	Avaliação
✓ <u>Área de Formação Pessoal e Social</u> ✓ <u>Área de Expressão e Comunicação:</u> Domínio da Educação Artística (Artes Visuais)	✓ Identificar as cores; ✓ Identificar as emoções; ✓ Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas.	✓ Cartão – emoji ✓ Pinceis – esponja ✓ Tintas guache	30 minutos	- Observação direta -Registo Fotográfico

Anexo 5 – Planificação da atividade “História do Robot”

Áreas de Conteúdo	Objetivos específicos	Recursos	Duração	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> ✓ <u>Área de Formação Pessoal e Social</u> ✓ <u>Área de Expressão e Comunicação:</u> Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Adquirir a capacidade de fazer escolhas e tomar decisões; ✓ Ser capaz de aguardar a sua vez; ✓ Desenvolver capacidades expressivas e criativas; ✓ Compreender a composição das histórias; ✓ Compreender a importância das histórias. 	Cartões; Folha de registo.	30-40 minutos	-Observação direta - Registo fotográfico

Anexo 7 – Planificação da atividade “Saco do Pai Natal”

Áreas de Conteúdo	Objetivos específicos	Recursos	Duração	Avaliação
✓ <u>Área de Formação Pessoal e Social</u> ✓ <u>Área de Expressão e Comunicação:</u> Domínio da Educação Artística (Artes Visuais)	✓ Compreender valores; ✓ Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas.	Cartão Tinta guache vermelha Revistas Tesoura Cola batom	15-20 minutos	- Observação direta - Registos Fotográficos

Anexo 8 – Quadro de identificação dos sujeitos da amostra

Tabela de Identificação das Docentes					
Código de Identificação dos Sujeitos	Género dos Sujeitos	Idade	Tempo de serviço	Lecionou sempre no mesmo estabelecimento	Tipo de estabelecimento
E1	F	63	43	Não	Público
E2	F	34	13	Não	IPSS
E3	F	50	29	Não	IPSS

Anexo 9 – Guião de entrevistas das Educadoras

Determinação dos Blocos	Objetivos	Tópicos de Questão
Bloco A Caracterização do entrevistada	Conhecer o percurso académico e profissional da entrevistada	- Solicitar que fale sobre o seu percurso profissional (formação; percurso; investigações; projetos; etc.) - Questões de reforço: 1. Qual a metodologia de trabalho que privilegia e porquê? 2. O seu trabalho tem sido sempre em contexto de jardim de infância? 3. Que idades tem acompanhado?
Bloco B Perceção das educadoras	Conhecer as perceções das educadoras sobre a aprendizagem colaborativa	1. O que é para si a aprendizagem colaborativa? 2. Utiliza a aprendizagem colaborativa como uma estratégia pedagógica? Com que finalidades? 3. Considera que a aprendizagem colaborativa influencia o desenvolvimento e aprendizagem das crianças? 4. De que forma, estimula o desenvolvimento socio-afetivo no dia-a-dia das crianças?
Bloco C Situações de aprendizagem	Caracterizar situações de aprendizagem colaborativa	1. Descreva situações de aprendizagem colaborativa
Bloco D Planeamento	Caracterizar o processo de conceção,	1. Descreva o processo de planeamento (conceção) e operacionalização de situações de aprendizagem colaborativa na sua

	operacionalização e avaliação de situações de aprendizagem colaborativa	prática educativa. Como avalia? Através de que metodologias e/ou recursos? 2. Existe um planeamento mais adequado ao desenvolvimento socio-afetivo das crianças? Como planifica estas aprendizagens?
Bloco E Estratégias e Atividades	Identificar estratégias e atividades	1. Que estratégias e atividades utiliza que promovam o desenvolvimento socio-afetivo das crianças? 2. Existe algum tipo de estratégias e atividades que facilitem o desenvolvimento socio-afetivo das crianças?
Bloco F Potencialidades e Dificuldades	Identificar as principais potencialidades e principais dificuldades da aprendizagem colaborativa	1. Quais as principais potencialidades da aprendizagem colaborativa na promoção do desenvolvimento socio-afetivo? 2. Quais as principais dificuldades da aprendizagem colaborativa no desenvolvimento de estratégias/atividades enquanto promotoras do desenvolvimento socio-afetivo?

Anexo 10 - Quadro de identificação dos sujeitos da amostra

Tabela de Identificação das Crianças			
Código de Identificação dos Sujeitos	Género dos Sujeitos	Idade	Tipo de estabelecimento
C1	M	5	Público
C2	F	5	Público
C3	F	5	Público
C4	F	4	Público
C5	F	5	Público
C6	F	4	Público
C7	F	3	Público

Anexo 11 – Guião de entrevistas das Crianças

Determinação dos Blocos	Objetivos	Tópicos de Questão
Bloco A Identificação dos entrevistados	Identificar os sujeitos da amostra em estudo	<ul style="list-style-type: none"> • Qual é a tua idade?
Bloco B Perceção das crianças	Conhecer as perceções das crianças	<ul style="list-style-type: none"> • Sabes o que é trabalhar em grupo? • Achas que se trabalhares com os teus amigos/colegas te ajuda? • Podes dar exemplos de uma situação em que trabalhaste com os teus colegas? Como correu? O que aprendeste? • Achas que é melhor trabalhar em grupo ou sozinho? Porquê? • Podes dar um exemplo de alguma coisa que tenhas aprendido?

Educadora 1 – (E1)

Identificação:

- Qual a sua idade?

R: Tenho 63 anos.

- Quanto tempo tem de serviço?

R: Sou educadora há 43 anos.

- Sempre lecionou neste estabelecimento?

R: Não, já lecionei noutros estabelecimentos.

- Em que ensino leciona?

R: Público.

Perceção das educadoras sobre a aprendizagem colaborativa:

1. O que é para si a aprendizagem colaborativa?

R: Uma forma de ser, estar, fazer e aprender uns com os outros, em interação e em colaboração, na troca de saberes e de práticas.

2. Utiliza a aprendizagem colaborativa como uma estratégia pedagógica? Com que finalidades?

R: Sim. Para promover o processo de desenvolvimento proximal das crianças e as oportunidades de aprendizagem previstas nas orientações curriculares, numa perspetiva interpessoal de interajuda e inclusão no respeito pelas diferenças individuais.

3. Considera que a aprendizagem colaborativa influencia o desenvolvimento e aprendizagem das crianças?

R: Sim. Penso que a relação com os outros é essencial no processo de aprendizagem, ou seja, no processo de descoberta de nós próprios, das nossas capacidades e competências, na descoberta dos outros na sua diversidade e no conhecimento do mundo.

4. De que forma, estimula o desenvolvimento socio-afetivo no dia-a-dia das crianças?

R: Incentiva o bem-estar, a interajuda, a cooperação, rentabiliza a heterogeneidade dos grupos, facilita a inclusão e o desenvolvimento de valores de solidariedade e apoio entre as crianças. Através da implementação de dinâmicas de convivência democrática no funcionamento do grupo; de aprender a ouvir os outros, a trocar saberes e formas de fazer; de desenvolver projetos significativos em conjunto com trabalhos entre pares; de brincar em grupo; de realizar de tarefas para o bem comum, organizar e arrumar os espaços em conjunto.

Situações de aprendizagem colaborativa:

1. Descreva situações de aprendizagem colaborativa

R: Procuo diariamente incentivar a aprendizagem da vida democrática, fomentando o debate, o consenso, a capacidade de escolha, a noção de direitos e de deveres e o sentido de cooperação.

*Valorizo o momento em grande grupo de manhã, para planificar o dia, e no final do dia, para avaliar o que aconteceu.

*Valorizo o brincar e o lúdico, como estratégia privilegiada para promover a aprendizagem e a socialização entre pares

*Desenvolvo projetos de trabalho, por forma a que as crianças vão gradualmente interiorizando a metodologia de trabalho de projeto – Projetos no campo do ambiente, das artes, da cultura, da cidadania, etc.

*Realizo projetos/atividades conjuntas com o 1º ciclo, valorizando a articulação curricular e interação entre as crianças/alunos.

Processo de conceção, operacionalização e avaliação de situações de aprendizagem colaborativa:

1. Descreva o processo de planeamento (conceção) e operacionalização de situações de aprendizagem colaborativa na sua prática educativa. Como avalia? Através de que metodologias e/ou recursos?

R: Enquanto educadora tenho bem presentes as aprendizagens a promover com as crianças, que estão bem definidas nas orientações curriculares, depois trata-se de construir com o grupo de crianças (e com cada uma) uma vivência diária no jardim de infância que deve ser autêntica e por isso tem de partir de uma atitude de escuta das crianças, de compreensão dos seus interesses e necessidades. O mais importante é

ouvir as crianças, criar condições para o brincar e para a adesão a novas propostas/projetos, contribuir para que sintam felizes e em segurança, que desenvolvam a sua autonomia, a criatividade, a capacidade de iniciativa, de cooperação com os outros e de cidadania.

2. Existe um planeamento mais adequado ao desenvolvimento socio-afetivo das crianças? Como planifica estas aprendizagens?

R: Num ambiente educativo - tempo, espaço, materiais, relações interpessoais - organizado e estimulador, acontece a planificação. O mais importante é ouvir as crianças, criar condições para o brincar e para a adesão a novas propostas/projetos, contribuir para que sintam felizes e em segurança, que desenvolvam a sua autonomia, a criatividade, a capacidade de iniciativa, de cooperação com os outros e de cidadania.

Identificação de estratégias e atividades:

1. Que estratégias e atividades utiliza que promovam o desenvolvimento socio-afetivo das crianças?

R: É muito importante planificar e avaliar com a participação direta das crianças, de acordo com os seus interesses e necessidades.

2. Existe algum tipo de estratégias e atividades que facilitem o desenvolvimento socio-afetivo das crianças?

R: O desenvolvimento socio-afetivo está sempre presente em tudo o que se faz no Jardim de infância, desde que esteja criado um clima de bem-estar que facilita a implicação e o envolvimento das crianças nas várias atividades.

Identificação das principais potencialidades e principais dificuldades da aprendizagem colaborativa:

1. Quais as principais potencialidades do trabalho colaborativo na promoção do desenvolvimento socio-afetivo?

R: O trabalho colaborativo facilita o desenvolvimento proximal e a construção de um ambiente educativo estimulante, de bem-estar e de inclusão.

2. Quais as principais dificuldades do trabalho colaborativo no desenvolvimento de estratégias/atividades enquanto promotoras do desenvolvimento socio-afetivo?

R: Por vezes os grupos são grandes e muito heterogéneos e o tempo para ouvir cada criança, atender a cada uma e ajudá-las a consciencializar o próprio processo de aprendizagem, através de formas de documentação pedagógica interessantes, é pouco.

Educadora 2 – (E2)

Identificação:

- Qual a sua idade?

R: 34 anos.

- Quanto tempo tem de serviço?

R: 13 anos.

- Sempre lecionou neste estabelecimento?

R: Não, já lecionei noutros estabelecimentos.

- Em que ensino leciona?

R: IPSS.

Perceção das educadoras sobre a aprendizagem colaborativa:

1. O que é para si a aprendizagem colaborativa?

R: No meu entender, a aprendizagem colaborativa pressupõe a colaboração entre crianças no contexto escolar (seja em atividades conjuntas ou tarefas/momentos do dia-a-dia).

2. Utiliza a aprendizagem colaborativa como uma estratégia pedagógica? Com que finalidades?

R: Sim. Para promover o desenvolvimento da autonomia, empatia, interajuda, capacidade de observação e escuta das necessidades do outro.

3. Considera que a aprendizagem colaborativa influencia o desenvolvimento e aprendizagem das crianças?

R: Sem dúvida que sim!

4. De que forma, estimula o desenvolvimento socio-afetivo no dia-a-dia das crianças?

R: Através da dinamização de histórias (sobre emoções, empatia, sentimentos, etc...).

Situações de aprendizagem colaborativa:

1. Descreva situações de aprendizagem colaborativa

R: Autonomia no dia-a-dia: ajudar a calçar/descalçar os sapatos, ajudar vestir/despir o casaco, ajudar a descascar a fruta (p.e. banana), ir buscar algum objeto para dar a outra criança, ajudar a apertar os botões do bibe (quando existe). Construção a pares: com peças de lego, puzzles, etc...

Processo de conceção, operacionalização e avaliação de situações de aprendizagem colaborativa:

1. Descreva o processo de planeamento (conceção) e operacionalização de situações de aprendizagem colaborativa na sua prática educativa. Como avalia? Através de que metodologias e/ou recursos?

R: Há atividades que são planeadas previamente (nomeadamente a exploração de histórias ou realização de jogos, por exemplo). A observação é o método de “avaliação” destes momentos.

2. Existe um planeamento mais adequado ao desenvolvimento socio-afetivo das crianças? Como planifica estas aprendizagens?

R: Se for sentida a necessidade de uma abordagem mais profunda sobre as emoções, é elaborada uma planificação que vá ao encontro das necessidades das crianças.

Identificação de estratégias e atividades:

1. Que estratégias e atividades utiliza que promovam o desenvolvimento socio-afetivo das crianças?

R: Dinamização de histórias (sobre emoções, empatia, sentimentos, etc...), diálogos/jogos em grande grupo.

2. Existe algum tipo de estratégias e atividades que facilitem o desenvolvimento socio-afetivo das crianças?

R: Todas as que envolvam a participação conjunta das crianças.

Identificação das principais potencialidades e principais dificuldades da aprendizagem colaborativa:

1. Quais as principais potencialidades do trabalho colaborativo na promoção do desenvolvimento socio-afetivo?

R: Desenvolvimento da autonomia, empatia e interajuda.

2. Quais as principais dificuldades do trabalho colaborativo no desenvolvimento de estratégias/atividades enquanto promotoras do desenvolvimento socio-afetivo?

R: A gestão da questão da partilha.

Educadora 3 - (E3)

Identificação:

- Qual a sua idade?

R: 50 anos.

- Quanto tempo tem de serviço?

R: 29 anos.

- Sempre lecionou neste estabelecimento?

R: Não.

- Em que ensino leciona?

R: IPSS

Perceção das educadoras sobre a aprendizagem colaborativa:

1. O que é para si a aprendizagem colaborativa?

R: Para mim a aprendizagem colaborativa é uma forma de aprendizagem conjunta entre crianças.

2. Utiliza a aprendizagem colaborativa como uma estratégia pedagógica? Com que finalidades?

R: Sim!

3. Considera que a aprendizagem colaborativa influencia o desenvolvimento e aprendizagem das crianças?

R: Sem dúvida que sim!

4. De que forma, estimula o desenvolvimento socio-afetivo no dia-a-dia das crianças?

R: Diálogos/jogos em grande grupo, fomentando atos de bondade entre as crianças.

Situações de aprendizagem colaborativa:

1. Descreva situações de aprendizagem colaborativa

R: Jogos Sociais: realização de jogos em grande grupo. Atividades coletivas: pintura coletiva, atividades sensoriais de grande escala (com diversas “estações” /pontos de interesse).

Processo de conceção, operacionalização e avaliação de situações de aprendizagem colaborativa:

1. Descreva o processo de planeamento (conceção) e operacionalização de situações de aprendizagem colaborativa na sua prática educativa. Como avalia? Através de que metodologias e/ou recursos?

R: Os momentos de aprendizagem colaborativa são espontâneos e surgem da interação entre as crianças. O registo é um dos métodos de avaliação.

2. Existe um planeamento mais adequado ao desenvolvimento socio-afetivo das crianças? Como planifica estas aprendizagens?

R: Sim. Através da realização de planificação com a participação de todas as crianças.

Identificação de estratégias e atividades:

1. Que estratégias e atividades utiliza que promovam o desenvolvimento socio-afetivo das crianças?

R: Através da planificação e avaliação com a participação direta das crianças.

Identificação das principais potencialidades e principais dificuldades da aprendizagem colaborativa:

1. Quais as principais potencialidades do trabalho colaborativo na promoção do desenvolvimento socio-afetivo?

R: A aprendizagem propicia um maior nível de envolvimento e implicação de todas na dinâmica das atividades e desenvolve a capacidade de observação e escuta das necessidades do outro.

2. Quais as principais dificuldades do trabalho colaborativo no desenvolvimento de estratégias/atividades enquanto promotoras do desenvolvimento socio-afetivo?

R: A capacidade de esperar pela sua vez e o respeito pelo espaço e tempo dos outros.

Anexo 13 – Transcrição de entrevistas das Crianças

Criança 1 – C1

Identificação:

- ✓ Qual é a tua idade?
R: Tenho 5 anos.

Perceções das crianças:

1. Sabes o que é trabalhar em grupo?

R: Sim.

2. Achas que se trabalhares com os teus amigos/colegas te ajuda?

R: Sim.

3. Podes dar exemplos de uma situação em que trabalhaste com os teus colegas? Como correu?

R: Não sei.

4. Achas que é melhor trabalhar em grupo ou sozinho? Porquê?

R: Grupo, porque ajudamo-nos uns aos outros.

5. Podes dar um exemplo de alguma coisa que tenhas aprendido?

R: Não sei.

Criança 2 – C2

Identificação:

✓ Qual é a tua idade?

R: Tenho 5 anos.

Perceções das crianças:

1. Sabes o que é trabalhar em grupo?

R: Sim

2. Achas que se trabalhares com os teus amigos/colegas te ajuda?

R: Sim

3. Podes dar exemplos de uma situação em que trabalhaste com os teus colegas? Como correu?

R: Pintar e descobrir os monstros. Correu bem.

4. Achas que é melhor trabalhar em grupo ou sozinho? Porquê?

R: Grupo, porque somos mais amigos.

5. Podes dar um exemplo de alguma coisa que tenhas aprendido?

R: Não sei.

Criança 3 – C3

Identificação:

✓ Qual é a tua idade?

R: Tenho 5 anos.

Perceções das crianças:

1. Sabes o que é trabalhar em grupo?

R: Sim.

2. Achas que se trabalhares com os teus amigos/colegas te ajuda?

R: Sim.

3. Podes dar exemplos de uma situação em que trabalhaste com os teus colegas? Como correu?

R: Montar a árvore de Natal. Correu bem.

4. Achas que é melhor trabalhar em grupo ou sozinho? Porquê?

R: Grupo, porque aprendi a trabalhar com eles.

5. Podes dar um exemplo de alguma coisa que tenhas aprendido?

R: Não sei.

Criança 4 – C4

Identificação:

- ✓ Qual é a tua idade?

R: Tenho 4 anos.

Perceções das crianças:

1. Sabes o que é trabalhar em grupo?

R: Sim.

2. Achas que se trabalhares com os teus amigos/colegas te ajuda?

R: Sim.

3. Podes dar exemplos de uma situação em que trabalhaste com os teus colegas? Como correu?

R: Composição da borboleta. Correu bem.

4. Achas que é melhor trabalhar em grupo ou sozinho? Porquê?

R: Grupo. Não sei.

5. Podes dar um exemplo de alguma coisa que tenhas aprendido?

R: Não sei.

Criança 5 – C5

Identificação:

✓ Qual é a tua idade?

R: Tenho 5 anos.

Perceções das crianças:

1. Sabes o que é trabalhar em grupo?

R: Sim.

2. Achas que se trabalhares com os teus amigos/colegas te ajuda?

R: Sim.

3. Podes dar exemplos de uma situação em que trabalhaste com os teus colegas? Como correu?

R: Desenho partilhado. Correu bem.

4. Achas que é melhor trabalhar em grupo ou sozinho? Porquê?

R: Grupo, mas escolho o grupo. Porque eles ajudam.

5. Podes dar um exemplo de alguma coisa que tenhas aprendido?

R: ----

Criança 6 – C6

Identificação:

✓ Qual é a tua idade?

R: Tenho 4 anos.

Perceções das crianças:

1. Sabes o que é trabalhar em grupo?

R: Não.

2. Achas que se trabalhares com os teus amigos/colegas te ajuda?

R: Sim.

3. Podes dar exemplos de uma situação em que trabalhaste com os teus colegas? Como correu?

R: -----.

4. Achas que é melhor trabalhar em grupo ou sozinho? Porquê?

R: Grupo, porque gosto deles.

5. Podes dar um exemplo de alguma coisa que tenhas aprendido?

R:-----.

Criança 7 – C7

Identificação:

✓ Qual é a tua idade?

R: Tenho 3 anos.

Perceções das crianças:

6. Sabes o que é trabalhar em grupo?

R: Sim.

7. Achas que se trabalhares com os teus amigos/colegas te ajuda?

R: Sim.

8. Podes dar exemplos de uma situação em que trabalhaste com os teus colegas? Como correu?

R: Recortar os brinquedos e colar no saco do pai natal. Correu bem.

9. Achas que é melhor trabalhar em grupo ou sozinho? Porquê?

R: Grupo, porque sim.

10. Podes dar um exemplo de alguma coisa que tenhas aprendido?

R: ----.

Anexo 14 – Quadro das entrevistas das Educadoras

Determinação dos Blocos	Categorias	Subcategoria	Unidades de sentido	Número de sujeitos
Bloco B – Perceção das educadoras de infância	Perceção do significado de aprendizagem colaborativa	Colaboração	“A aprendizagem colaborativa pressupõe a colaboração entre crianças no contexto escolar.” (E2)	1
		Aprendizagem conjunta	“A aprendizagem colaborativa é uma forma de aprendizagem conjunta entre crianças.” (E3)	1
		Interação e colaboração	“A aprendizagem colaborativa é uma forma de ser, estar, fazer e aprender uns com os outros, em interação e em colaboração, na troca de saberes e de práticas” (E1)	1
	Utilização da aprendizagem colaborativa como estratégia pedagógica	Preferência/Valorização	“Sim.” (E1) (E2) (E3)	3
	Justificação da utilização da	Processo de desenvolvimento proximal das crianças	“Para promover o processo de desenvolvimento	1

	aprendizagem colaborativa		proximal das crianças.” (E1)	
		Desenvolvimento da autonomia, empatia, interajuda	“Para promover o desenvolvimento da autonomia, empatia e interajuda.” (E2)	1
		Capacidade de observação e escuta das necessidades dos outros	“Para promover o desenvolvimento da capacidade de observação e escuta das necessidades do outro.” (E3)	1
	Perceção da influência da aprendizagem colaborativa no desenvolvimento e aprendizagem das crianças	Preferência/Valorização	“Sim.” (E1) (E2) (E3)	3
	Caracterização de situações que estimulem o desenvolvimento socio-afetivo das crianças	Brincadeira em grupo	“Através da implementação de dinâmicas de convivência democrática no funcionamento do grupo, como o de brincar em grupo.” (E1)	1
		Dinamização de histórias	“Através da dinamização de histórias, sobre as emoções, a empatia, os sentimentos, etc.” (E2)	1

		Diálogos/Jogos em grande grupo	“Através dos diálogos/jogos em grande grupo, fomentando atos de bondade entre as crianças.” (E3)	1
		Organização e arrumação do espaço em conjunto	“Através da realização de tarefas para o bem comum, organizar e arrumar os espaços em conjunto.” (E1)	1
Bloco C – Situações de aprendizagem	Caracterização de situações de aprendizagem colaborativa	Autonomia no dia-a-dia	“Promover a autonomia no dia-a-dia, ou seja, ajudar a calçar e descalçar os sapatos, ajudar a vestir e despir o casaco, ajudar a descascar a fruta, ir buscar algum objeto para dar a outra criança, ajudar a apertar os botões do bibe, etc.” (E2)	1
		Jogos sociais	“Realização de jogos em grande grupo.” (E3)	1
		Atividades coletivas	“Pintura coletiva, atividades sensoriais de grande escala (com diversas “estações/pontos de interesse).” (E3)	1
		Construção a pares	“Construções a pares com peças de	1

			lego, puzzles, etc.” (E2)	
		Projetos de trabalho	“Desenvolvo projetos de trabalho, por forma a que as crianças vão gradualmente interiorizando a metodologia de trabalho de projeto.” (E1)	1
		Momentos em grande grupo	“Valorizo o momento em grande grupo de manhã, para planificar o dia, e no final do dia, para avaliar como correu.” (E1)	1
		Projetos/atividades com o 1.º ciclo	“Realizo projetos/atividades conjuntas com o 1.º ciclo, valorizando a articulação curricular e interação entre crianças/alunos.” (E1)	1
Boco D – Planeamento	Descrição do processo de planeamento (conceção) e operacionalização de situações de aprendizagem colaborativa	Escutar as crianças	“O mais importante é ouvir as crianças, criar condições para o brincar e para a adesão a novas propostas.” (E1)	1
		Planeamento prévio	“Há atividades que são planeadas previamente.” (E2)	1

		Momentos espontâneos	“Muitos destes momentos de aprendizagem são espontâneos e surgem da interação entre crianças.” (E3)	1
	Caracterização da avaliação	Observação	“A observação é o método de avaliação destes momentos” (E2)	2
		Registo	“O registo é um dos métodos de avaliação.” (E3)	1
		Avaliação contínua	“Avalio através de uma avaliação contínua por forma a adequar a intervenção pedagógica.” (E1)	1
		Perceção do planeamento destinado ao desenvolvimento socio-afetivo das crianças	Preferência/Valorização	“Sim” (E1) (E2) (E3)
	Caracterização do planeamento	Implicar as crianças na avaliação	“É muito importante planificar e avaliar com a participação direta das crianças, de acordo com os seus interesses e necessidades.” (E1)	1
		Planificação	“Se for sentida a necessidade de uma abordagem mais profunda sobre as	2

			emoções, é elaborada uma planificação que vá ao encontro das necessidades das crianças.” (E2) “Realização de planificação com a participação de todas as crianças.” (E3)	
Boco E – Estratégias e atividades	Identificação das estratégias	Participação ativa das crianças	“É muito importante planificar e avaliar com a participação direta das crianças” (E1) (E3)	2
	Identificação das atividades	Dinamização de histórias	“Dinamização de histórias sobre as emoções, a empatia e os sentimentos.” (E2)	1
	Caracterização das estratégias e atividades como facilitadoras do desenvolvimento socio-afetivo das crianças	Implicação e envolvimento das crianças nas atividades	“Desde que seja criado um clima de bem-estar que facilite a implicação e o envolvimento das crianças nas várias atividades.” (E1)	1
		Participação conjunta das crianças	“Todas as que envolvam a participação conjunta das crianças.” (E2)	2

Bloco F – Potencialidades e dificuldades	Identificação das potencialidades da aprendizagem colaborativa na promoção do desenvolvimento socio-afetivo	Desenvolvimento proximal	“A aprendizagem colaborativa facilita o desenvolvimento proximal.” (E1)	1
		Maior nível de envolvimento e implicação	“A aprendizagem colaborativa propicia um maior nível de envolvimento e implicação na dinâmica das atividades.” (E3)	1
		Ambiente educativo estimulante, de bem-estar e inclusão	“Desenvolve um ambiente educativo estimulante, de bem-estar e inclusão.” (E1)	1
		Desenvolvimento da autonomia, empatia e interajuda	“Promove o desenvolvimento da autonomia, empatia, interajuda.” (E2)	1
		Capacidade de observação e escuta das necessidades do outro	“Desenvolve a capacidade de observação e escuta das necessidades do outro.” (E3)	1
		Identificação das dificuldades da aprendizagem colaborativa no desenvolvimento de estratégias/atividades promotoras do desenvolvimento socio-afetivo	Heterogeneidade dos grupos	“Por vezes os grupos são muito heterogéneos.” (E1)
	Tempo reduzido para escutar cada criança		“Às vezes o tempo é reduzido para ouvir cada criança.” (E1)	1
	Gestão da questão da partilha		“Dificuldade em gerir a partilha entre crianças.” (E2)	1

		Capacidade de esperar pela sua vez	“Dificuldade em gerir a capacidade de esperar pela sua vez” (E3)	1
		Respeito pelo espaço e tempo dos outros	“Dificuldade em respeitar o espaço e tempo dos outros” (E3)	1

Anexo 15 – Quadro das entrevistas das Crianças

Determinação dos Blocos	Categorias	Subcategoria	Unidades de sentido	Número de sujeitos
Bloco 1 - Perceção das crianças	Perceção do significado do trabalho de grupo	Compreensão	“Sim.” (C1) (C2) (C3) (C4) (C5) (C7)	6
			“Não.” (C6)	1
		Preferência/Valorização	“Sim.” (C1) (C2) (C3) (C4) (C5) (C6) (C7)	7
	Caracterização de situações de trabalho em grupo	Desconhecimento	“Não sei.” (C1) (C6)	2
		Pintura	“Pintar e descobrir onde estavam os monstros.” (C2)	1
		Desenho	“Desenhar a composição da borboleta.” (C4)	1
			“Desenho partilhado.” (C5)	1
		Montagens	“Montar a Árvore de Natal.” (C3)	1
		Recorte e colagem	“Recortar os brinquedos e colar no saco do Pai Natal.” (C7)	1
	Caracterização do processo das situações de trabalho em grupo	Perceção positiva	“Correu bem.” (C2) (C3) (C4) (C5) (C7)	5
		Perceção negativa	“Não sei.” (C1) (C6)	2
	Aprendizagens	Colaboração	“Aprendi a trabalhar em grupo” (C3) (C5)	2
		Objetivos comuns	“Se trabalharmos em grupo	1

			conseguimos o que queremos” (C2)	
		Desconhecimento	“Não sei” (C1) (C4) (C7) “Nada” (C6)	4
	Justificação das aprendizagens em contexto de trabalho de grupo (explicação das aprendizagens)	Cooperação	“Ajudamo-nos uns aos outros.” (C1)	1
		Amizade	“Gosto dos colegas.” (C2) (C6)	2
		Apoio	“Tenho ajuda.” (C1)	1
		Outra	“Porque sim.” (C5) (C7)	2
		Desconhecimento	“Não sei.” (C4)	1